

Stadium

ROGÉRIO

admirável extremo-esquerdo internacional. Veremos o excelente jogador do Benfica no «team» continental em Glasgow?



N.º 223

12 DE MARÇO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

SPORTING à vista do título

Acentua-se a superioridade de Lisboa, apesar de alguns concorrentes da Província afirmarem reais possibilidades

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Pouco falta para acabar a 1.ª Volta do Campeonato Nacional Mais um passo, e a roda da competição começará a girar no sentido contrário. E' no fundo justo e lógico. Os visitantes transformam-se em visitados, e oxalá que todos se esqueçam de um ou de outro agravo sucedido nas deslocações...

Nesta altura da Prova, as forças já estão devidamente situadas, desaparecendo as primeiras hesitações. Os *teams* encontraram a linha da sua forma e os valores revelaram-se. Isso não quer dizer que a trajectória de cada grupo concorrente, e mesmo de cada jogador, não sofra desvios e alterações. Na arrancada final, todos os clubes darão ainda o seu máximo no intuito de se cotarem o melhor possível. No que respeita, no entanto, ao problema do título, raramente terá acontecido o que se está a passar: o Sporting já tem o braço estendido para o título de campeão e quase lhe falta sómente fechar a mão... Quanto às outras posições, o caso é indiferente. Mas a supremacia lisboeta não sofre contestação: o quinteto da capital acha-se instalado nos seis primeiros postos.

Vejamos os resultados da jornada número doze:

Olhanense ..	3 —	Sporting....	5
Benfica.....	3 —	Vitória S....	2
Sanjoanense 2 —	Belenenses..	3	
Famalicão... 2 —	Atlético.....	4	
Porto.....	6 —	Boavista....	0
Estoril.....	9 —	Elvas.....	1
Vitória G....	2 —	Académica..	2

A primeira conclusão a tirar favorece a representação de Lisboa. Dentro e fora de casa, com mais facilidade ou maior dificuldade, Sporting, Benfica, Belenenses, Atlético e Estoril Praia venceram os seus adversários. Alguns deles, como, por exemplo, Setúbal e S. João da Madeira, comportaram-se bem. Mas vergaram por fim a cerviz!

O Porto segue-se na escala de valores. O seu mais forte representante desembarçou-se com facilidade do mais fraco, ocupando agora o terceiro posto, um lugar de honra. A equipa não mostra regularidade, dando-nos a-par de feitos brilhantes exibições abaixo do seu nível. Mas é inegável o seu valor.

Outro clube que se tem aperfeiçoado e ao qual a luta faz bem é a Académica, a qual arrancou, em Guimarães, um ponto precioso.

A classificação geral está disposta da seguinte maneira:

Sporting	22 pontos, 11 vitórias e 1 derrota, 60 bolas contra 24;
Benfica	16, 8 vitórias e 4 derrotas, 41-31;
Porto	15, 7 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 39-22;
Belenen-	

ses 15, 7 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 30-16; Estoril Praia 14, 7 vitórias e 5 derrotas, 52-27; Atlético 13, 6 vitórias, 1 empate e 5 derrotas, 23-28; Vitória de Setúbal 12, 5 vitórias, 2 empates e 5 derrotas, 25-18; Olhanense 12, 6 vitórias e 6 derrotas, 29-37; Académica 12, 5 vitórias, 2 empates e 5 derrotas, 25-39; Boavista 10, 4 vitórias, 2 empates e 6 derrotas, 24-31; Vitória de Guimarães 10, 4 vitórias, 2 empates e 6 derrotas, 20-27; Elvas 8, 4 vitórias e 8 derrotas, 33-43; Famalicão 8, 3 vitórias, 2 empates e 7 derrotas, 30-45; Sanjoanense 1 ponto, 1 empate e 11 derrotas, 10 bolas contra 53.

A jornada n.º 12 não forneceu partidas brilhantes, apesar de haver apenas dois resultados de desnível. Vários concorrentes tiveram, no entanto, um pouco de interesse, e, à míngua de valor técnico, revelaram energia e entusiasmo. A velha genica portuguesa continua a ser abundante.

Registraram-se poucas alterações na Tabela. Atlético subiu dois degraus, e os setubalenses desceram um ponto. Olhanense está em 8.º e Académica em 9.º. De aí para baixo — tudo na mesma.

O Sporting conta a seguinte vantagem: 6 pontos sobre o Benfica, 7 sobre o Porto e o Belenenses; 8 sobre o Estoril e 9 sobre o Atlético.

Quem o agarra? O Benfica, velho rival, não perdeu de todo as esperanças.

... E a tradição não se apaga!

O Olhanense mantinha a esperança de vencer desta feita o Sporting.

O *team* já regista na sua história triunfos sobre os mais reputados clubes portugueses, mas o Sporting tem-lhe fugido sempre...

Diga-se, por ser verdade, que, desta como doulras vezes, não faltou aos algarvios nem força de vontade, nem brio ou entusiasmo. Pelo contrário, os olhanenses lutaram com singular animação. E talvez isso tenham diminuído as suas possibilidades. Por vezes, os jogadores querem fazer tanto e a sua ansia de vitória é tão profunda, que acabam por não fazer nada... Depois, a verdade é que não se pode pôr na luta, exclusivamente, energia e entusiasmo. Tendo um adversário pela frente da igualha do Sporting, que tem os seus valores muito bem arrumados, tornava-se indispensável a ligação dos esforços e a eficácia do seu jogo.

Por duas vezes (veja-se bem!), e tal depõe a favor dos algarvios, eles buscaram e conseguiram o

empate. Após os 2-2, os *leões* atravessaram o seu momento difícil. O *team* estava enfraquecido. Não tinha nenhuma das suas células intactas, e lançou mão de recursos de emergência: Canário recuara para defesa e Jesus Correia para médio; Manuel Marques avançara para ponta direita, só a marcar presença, e Travassos alinhava na extremidade esquerda, também um pouco a fazer número.

Para dar melhor a imagem do encontro, ou da fase que pretendemos, deve afirmar-se que os algarvios estavam deliberadamente ao ataque, posto que atabalhoadamente. De quando em vez, um remate potente e colocado cortava a espaço, pondo em relevo o virtuosismo de Azevedo.

O momento da partida era um daqueles em que um *goal*, numa ou noutra baliza, resolveria o problema.

O Sporting defendia-se com bravura e segurança, não perdendo o sentido do ataque. Por assim ser, numa das suas contra-ativas, conseguiu a terceira bola e estava aberto o caminho da vitória: a um passe do lado esquerdo, Sidónio acorreu, e, vendo sair o guarda-redes, lestande, deu um pequeno toque à bola, que seguiu o seu rumo, caprichosamente, para bater no poste; Loulé tentou parar o golpe, mas a rapidez de Sidónio surpreendeu-o. A esta bola seguiu-se outra, de Vasques — um grande *goal*! e o caso arrumara-se. Os algarvios insistiam, mas sem convicção. Estavam irremediavelmente batidos, e sentiam-no.

Apesar das unidades da defesa olhanense jogarem há muito tempo, relativamente, uns com os outros, a sua ligação resulta bastante deficiente. Quando batidos, levam muito tempo a colocar-se

no sitio devido, e pelas brechas passam com certa facilidade os dianteiros contrários. Também o ataque diminuiu sensivelmente de valor; Cabrita com que perdeu a intuição, e os outros (com a excepção de Salvador) jogam um pouco ao Deus dará, cada qual para seu lado. E não se diga que não têm médios de ataque, pois João dos Santos e Grazina sabem suficientemente do officio. Se alguns defeitos têm, eles dirigem-se para o lado defensivo e não para a zona de ataque...

O Sporting tem jogado melhor de outras vezes! Mas raramente revelou mais capacidade e fundo. A ganhar, ou nos momentos difíceis, actuou com absoluta autoridade, aplicando o seu sistema com frieza. De resto, a serenidade sportinguista deu o contraste com o entusiasmo de Olhão.

A defesa mostrou-se seguríssima. Azevedo executou belo trabalho. Cardoso foi um elemento precioso em tantos momentos, e Maneças estava em boa disposição enquanto não se magoou. Nos médios sobressaiu Juvenal, e, no ataque, Sidónio rematou com gente grande: metido entre duas habilidades, tirou o maior proveito do seu poder de remate. Jesus Correia andou à deriva, e Albano — coisa curiosa! — foi o mais resistente de todos.

Dos algarvios distinguimos Grazina e Salvador como os mais úteis, não esquecendo a força de Soares. É difícil, em ambiente tão apaixonado, não praticar erros, mas o sr. Aureliano Fernandes, de Setúbal, fez todo o possível para acertar e conter os jogadores nos justos limites.

Olhanense — Abraço, Rodrigues, Loulé, João dos Santos, Grazina, Nascimento, Moreira, Soares, Cabrita, Salvador e Eminência.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Marques, Canário, Veríssimo, Juvenal, Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

Como decorreram os encontros

Temos hoje de reduzir as nossas habituais considerações, dando sómente uma síntese da maneira como decorreram os encontros e enunciando as suas características principais.

O Benfica apresentou uma linha um pouco diferente do seu nor-

Derbe

CHAPELARIA E CAMISARIA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 10-C.
TELEFONE 4 3482 — LISBOA

mal. Os setubalenses, com uma linha média renovada, entraram no terreno resolvidos a não se deixarem bater com facilidade. Na verdade — assim sucedeu.

Certamente, o Benfica dominou em largos períodos, jogando rápido mas de forma imprecisa. Também os setubalenses procuraram jogar com velocidade, mas o seu jogo resultou um pouco indeciso. Não cabem todos os proventos num saco...

Destacou-se como grande figura o guarda-redes Baptista, e no Benfica Francisco Ferreira foi o número um. No intervalo, as equipas estavam empatadas um-a-um.

O Sanjoanense sofreu mais uma derrota, mas comportou-se de maneira a merecer elogios. Os benelenses deram rapidez ao seu futebol nos primeiros minutos. Mas tal não entortou o adversário que, na sua reacção, produziu associação agradável. 1-1 no intervalo marca o ritmo da partida.

Na segunda parte, os sanjoanenses insistiram com brilho, mas o adversário soube organizar-se na defesa e explorar várias deficiências do inimigo para conseguir o triunfo.

No campo do visitante, o Atlético deixou ótima impressão, vencendo com todo o merecimento. O grupo mostrou-se ligado, cercando fileiras na defesa e atacando com impeto, que não deixou entendimento.

O seu triunfo deve destacar-se, tanto mais quanto é certo ter o Famalicão lutado com ânimo, dando a resposta de rasgos à boa combinação dos lisboetas. Há *leams*, no entanto, em que não pode faltar uma unidade. É o caso do Famalicão. Ao intervalo, 2 a 2.

O Porto venceu facilmente o Boavista, repartindo em iguais quinhões a meia dúzia de bolas pelas duas partes. Os campeões do Porto jogaram muito bem, rápidos e ligados, mostrando força e eficiência. A linha de ataque, bem apoiada, não se limitou a chegar à área perigosa, mas aí rematou certamente. O Boavista, pelo contrário, produziu futebol desligado, faltando a algumas das suas unidades o sentido de colocação.

Elvas esteve longe de ser feliz na sua deslocação ao campo da Amoreira, um terreno de morte angustiada para vários concorrentes. A atenuante de várias falhas no seu conjunto diminui o desaire. O Estoril mostrou logo de entrada a sua força. A meia-hora, o problema estava decidido, sem apelação possível. Elvas foi, sem dúvida, dominado, e para isso contribuiu poderosamente o manifesto equilíbrio das forças do Estoril, a sua ligação e a habilidade de várias das suas peças.

A Académica não perdeu em Guimarães, início de progresso. Mais do que o empate interessa friar a forma como o grupo actuou, sem hesitações, e bem ligado, da defesa ao ataque. De defesas sólidas e dianteiros rápidos resulta uma boa equipa. Os de Guimarães dominaram territorialmente um pouco mais, mas falharam no remate. Com substituições, a desgraça perseguiu-os ainda com a lesão de uma unidade. Chama-se a isto os imponderáveis do futebol.

BASQUETEBOLE

CAMPEONATO NACIONAL

Os clubes de Lisboa perderam...

Com os jogos Vasco da Gama-Benfica e Olivais-Atlético, começou, no último sábado, mais um Campeonato Nacional de Basquetebol.

Esta prova é, como se sabe, a mais importante da modalidade, pois reúne os primeiros classificados dos torneios regionais de Lisboa, Porto e Coimbra — os centros onde o basquetebol atingiu maior desenvolvimento.

Dentro dos moldes actuais, o Campeonato Nacional disputou-se, pela 1.ª vez, na época 1943-44, e foi seu vencedor o Carnide Clube, nessa altura representado por um conjunto de extraordinário valor. Nos anos seguintes, conquistaram o título mais duas equipas de Lisboa: primeiro, a do Belenenses e, na última época, a do Benfica.

Ao iniciar-se este 4.º campeonato, a luta parece vir a ser renhida como nunca, visto que há pelo menos 3 clubes — Benfica, Belenenses e Vasco da Gama — com grandes possibilidades de alcançarem o almejado título. Além disso, não pode desperdiçar-se a ideia de que o Olivais, em Coimbra, joga sempre com vontade e enérgica decisão, e que o Atlético e o outro representante nortenho — F. C. do Porto ou Flaviial — podem surpreender as equipas mais bem apetrechadas.

E, pois, de esperar, uma prova bem disputada e com benéfica repercussão no progresso da modalidade.

A primeira jornada do campeonato proporcionou, nos jogos realizados, vitórias das equipas visitadas.

No Porto, o Vasco da Gama, depois de uma primeira parte em que o equilíbrio de marcação foi a nota dominante, conseguiu, durante os últimos vinte minutos, superar o Benfica e arrancar um triunfo que, embora normal, é demasiado expressivo. A partida foi jogada numa toada rija que, frequentemente, se transformou em excessiva dureza. O árbitro não soube segurar os jogadores e o espectáculo perdeu um pouco da sua beleza.

Resultado: — Vasco da Gama, 35 — Benfica, 27.

Em Coimbra, o Olivais venceu o Atlético, depois de um jogo bem disputado e em que cada um dos «cinco» teve a sua quota parte de dureza.

Nos últimos momentos, a saída de Ferreira (Atlético) e a entrada de Costa Ramos (Olivais) deram aos coimbricenses a vantagem de 6 pontos com que termina o encontro.

Resultado: — Olivais, 38 — Atlético, 32.

O jogo Belenenses — 2.º do Porto deverá disputar-se amanhã, visto que só ontem ficou apurado, depois do jogo Flaviial-Porto, o representante da A. B. do Porto, que acompanhará o Vasco da Gama nesta prova.

Monteiro Poças

CORTA-MATO

Os Campeonatos de Lisboa

foram mais favoráveis para o SPORTING

Assistimos no domingo passado, nos terrenos que circundam o edifício onde está instalado o INEF, em Benfica, aos melhores campeonatos regionais de corta-mato organizados de há muitos anos para cá; excelente percurso, preparação cuidada, cumprimento escrupuloso do programa previsto e compelição valorosa.

O traçado escolhido, em terreno variado e de autêntico corta-mato, num circuito suficientemente longo de 1.350 metros, aproximadamente, satisfaz por completo às exigências de tais provas e se para alguns pareceu demasiado duro, a responsabilidade é de atribuir ao estado do terreno encharcado e em consequência pesado em demasia. Nem se podia comparar com a pista fácil e plana dos antigos percursos no campo do Joaqui, nem tão pouco oferecia a exagerada dificuldade do minúsculo circuito do Tiro aos Pombos do Lumiar, com sua rampa de arreante a escalar vezes sucessivas.

O local foi autêntico achado e é de conservar para futuro.

Os dirigentes responsáveis merecem, desta vez, felicitações pelo seu zelo; foram ao terreno na véspera, escolher o traçado, e tinham-no devidamente sinalizado à hora enunciada para o começo da primeira corrida, facto nunca visto desde tempos imemoriais. A chamada começou à hora prevista e o primeiro pelotão partiu quando devia partir.

Apartaremos aos técnicos apenas a falta de fiscais nos pontos extremos do percurso, onde corredores menos escrupulosos poderiam aliar caminho; se no domingo não houve quem o fizesse, teremos somente que reconhecer e louvar a honestidade e desportivismo dos concorrentes. Ninguém lhes fiscalizava o procedimento.

A impressão de conjunto deixada por estes campeonatos é bastante agradável no referente aos novos valores, mas hesitante na apreciação dos valores consagrados.

Os principiantes, a mais avultada falange, disputaram a sua prova com grande ardor e a luta teve interesse de princípio a fim; Libânio Santos, o vencedor, um excelente recruta sportingista, agradou-nos sem reserva e afigura-se-nos elemento com bom, muito bom, mesmo, futuro na pista. De harmónica robustez, passada fácil e ampla sem exagero, manteve-se sempre entre os primeiros e distinguiu-se na altura própria para ganhar, com avanço confortável sobre o seu companheiro de clube Alvaro Conde, que nos pareceu ressentido da dureza do percurso. Vítor Baptista e Guedelhas, ambos do Benfica, deram boa réplica enquanto puderam.

O triunfo colectivo, o principal em provas de corta-mato, estabelecido sobre agrupamentos de cinco corredores, manteve-se sempre indeciso e veio a pertencer ao Sporting, com cinco pontos de avanço

sobre o Benfica e sete sobre o Belenenses, cujos corredores deram a impressão de excessiva fragilidade para tão severas compelições.

Os juniores, em número de 14, dividiram-se prontamente em dois grupos, o primeiro dos quais com seis elementos, os únicos com possibilidade de pretensão à vitória. Uma queda de Quaresma atrasou-o bastante, mas o sua perseguição foi enérgica e permitiu-lhe alcançar ainda Ramalho, ao iniciar a derradeira volta do percurso. A meio caminho, Carvalho, Branco, Araújo e Martins vinham ainda em pelotão, mas na volta seguinte estavam separados, pela ordem indicada, em duas parcelas, às quais se seguiu, mais distanciada, a parêntese Quaresma-Ramalho. A última rondagem resolveu as classificações, mas Quaresma só foi ultrapassado na embolagem final, a poucos metros da meta.

O belenense Branco já deu provas do seu valor; no domingo apenas o confirmou. A equipa sportingista, muito mais equilibrada do que qualquer das compelições, teve vitória folgada.

Finalmente, os seniores deram prova de muito melhor disparidade de valores e, a parte Filipe Luis, que voltou a ser o que era, e Manuel Gomes, que foi o que sempre é, os restantes pouco ou nada luziram. O melhor de entre os restantes foi Armando Pereira, corredor valoroso mas de classe modesta; isto diz tudo.

Noqueira quebrou os 5 quilómetros, não apenas pela dureza do trajecto, mas também porque a distância além desse limite já é exagerada para os seus recursos; João Silva está uma sombra de si próprio — crise ocasional, insuficiência de treino, decadência? —, Oliveira Silva (que se queixava de um prego que lhe megoava o pé na neguigo longe da frente) e Manuel Gonçalves só começou a adquirir ritmo quando o percurso se aproximava do final. A ausência de Afonso Marques, retido pela obrigação de participar no dia seguinte no corta-mato militar, custou com certeza ao Sporting o título colectivo, que o Benfica guardou para si.

Salaar Carreira

Ano V — II Série — N.º 223
Lisboa, 12 de Março de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
—
—

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cláudio João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAFIA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA



ALABERN

FERRAZ e ALABERN

Campeões de bilhar

CONVIDADOS
A EXIBIR-SE
NO ESTRANGEIRO

rio, o bilhar desportivo em Portugal não aproveitará o interesse de muitos entusiastas da modalidade.

— Ferraz?

— O nosso campeão não está actualmente na sua melhor forma, talvez até mesmo — sem razão — pretender convencer-se de que a sua brilhante actividade no bilhar já passou.

Neste encontro com os espanhóis, Ferraz acusou a falta de competições, mas mesmo assim a sua garra de campeão esteve sempre presente em todas as partidas que disputou. É natural que o facto de jogar pela primeira vez com Domingo lhe perturbasse um pouco o seu estilo normal. Mas a superioridade do campeão espanhol sobre Ferraz não é em técnica mas sim em mecanismo — «tacadas». É inegável que Ferraz sabe mais de bilhar e a confirmar esta opinião regista-se no pedido da Federação espanhola para que Ferraz fosse a Barcelona ensinar o jogo de bilhar — até mesmo ao próprio Domingo.

— Como aprecia os seus jogos?

— Joguei bem. Claro que as médias é que marcam e eu nesse caso estive sempre bem colocado. A minha média foi de 13, lutando com um adversário que jogou só à defesa.

Nós no quadro 71/2 somos melhores. Nas três tabelas os espanhóis são superiores.

Mas nós também tivemos a vantagem de jogarmos em tabelas a que não estamos habituados. As do Porto são diferentes daquelas em que em Lisboa nos treinamos. Este pormenor foi de boa vantagem para os espanhóis, pois que essas tabelas portuguesas — mais duras — são precisamente iguais às de Espanha.

No entanto o 5.º encontro com os bilharistas espanhóis veio animar a modalidade e oxalá surja o incremento de que precisa o bilhar desportivo no nosso país.

Não esqueçamos que este desporto é o mais difícil de jogar pelas condições excepcionais que exige.

Os melhores bilharistas do mundo tiveram todos eles 10 anos de treino até alcançarem a sua posição de destaque no bilhar. Isto atesta a importância e o valor da modalidade e afirma a necessidade de uma propaganda, através de vários torneios e campeonatos, para que os novos valores apareçam.

E Alabern, depois de nos dar a conhecer o convite que recebeu para ir à Suíça disputar o Campeonato da Europa no quadro 45/2 — que não aceitou, em virtude desse campeonato se efectuar no próximo dia 15 e não ter tempo para um treino necessário — declarou-se entusiasmado com uma ideia do presidente da Federação Espanhola de Bilhar: formar uma equipa com dois jogadores de Portugal e da Espanha para desafiar bilharistas estrangeiros, equipa essa que seria formada por Ferraz, na partida livre: Alabern no quadro 72; Domingo no quadro 45/2 e Puigvert nas três tabelas.

F. S.



Bandeira, do Elvas, attra-se arrojadamente. Mas o estorilense fará «goals»

E o Estoril continua...



Excelente fase do ataque estorilense. Mota, embora carregado serviu Bravo oportunamente



A bola fugiu a Bandeira. Mas não haverá perigo de maior porque Bravo não está pronto para qualquer remate

O 5.º encontro entre bilharistas portugueses e espanhóis revelou-nos mais nitidamente um jogador de classe, cuja técnica e inteligência no bilhar desportivo têm merecido justas referências.

José Alabern atinje neste momento a craveira de bilharista de boa categoria internacional. O resultado final que alcançou no Porto frente aos melhores «tacos» espanhóis foi conquistado mercê de nítida superioridade.

Alabern não é um novo no bilhar. Leva 24 anos no jogo e treino consecutivo — este desporto requer de facto muitos anos para se alcançar posição e categoria.

Na sua actividade, Alabern conta três jogos com os espanhóis. No primeiro encontro — em partida livre e a uma tabela — perdeu todos os jogos. No segundo ganhou dois e perdeu um, em partida livre.

Falando-nos do recente encontro com os espanhóis Alabern diz-nos:

— Espanha enviou-nos o que actualmente tem de melhor em bilhar. Jogámos com uma equipa muito forte e homogénea, com Domingo — o excepcional Domingo, o jogador n.º 1 de Espanha; com Garcia, de grande classe e Puigvert.

— O resultado?

— Considero-o honroso. A nossa equipa não deu o seu máximo. João Pereira foi o elemento modesto da nossa equipa. No entanto é possuidor de bons recursos. Carambola muito bem mas despreza a defesa. É mesmo neste pormenor de jogo — o mais importante — que Pereira se deixa inferiorizar.

E apreciando a modalidade nos dois países:

— Em relação à Espanha estamos ainda bastante atrasados. Falta-nos o «calo» que só se adquire com jogos de importância. Nós, à parte estes jogos com os espanhóis, temos uma actividade reduzida. É absolutamente necessário que se organizem campeonatos regionais, para se conseguir um treino mais eficaz, para nos acostarmos a ver público e para que apareçam novos bilharistas. De contrá-

Espanha perdeu em Dublin um desafio mas encontrou uma equipa

Madrid, especial para «Stadium», de RAMON MELCON

O futebol espanhol é extraordinário. Em poucas semanas, uma equipa, quase a mesma, muda o seu jogo de tal modo que, depois de uma derrota como a de 26 de Janeiro em Lisboa, é capaz de perder pela mínima diferença, em Dublin, ante uma fortíssima selecção irlandesa, e está prestes a ganhar um encontro que chegou a estar a perder por 2-0 a 22 minutos do começo.

Tem-se dito muitas vezes que em Espanha se confia exageradamente na improvisação e inspiração de algumas das suas notáveis figuras, e que se descalda totalmente, por essa mesma razão, o jogo de conjunto, isto é, a preparação conveniente para que a equipa ligue o seu jogo, e a consequência de todos os esforços dos jogadores seja o rendimento do conjunto.

Agora, em Dublin, passou-se algo de isto. Espanha, que não abstrai o jogo de conjunto, podia ter ganho o desafio (se não o conseguia, tal deve-se exclusivamente à falta de sorte), graças ao jogo de alguns dos seus principais homens. O segundo tempo que fez Herrerita, o trianador de Riazor, é inesquecível. Gainza, o veloz extremo-esquerdo, deu um curso completo de jogo. Nos dois baseou-se principalmente o êxito da equipa espanhola.

Porque êxito é, para nós e para quantos presenciaram a partida, esses 3-2. Com um campo gelado, coberto de poalha para ser praticável, ante uma selecção onde figuravam oito homens da primeira divisão inglesa, e, repetimos, depois de um 2-0 a mais da primeira parte, o que fez em Delymount Park o grupo espanhol é um êxito autêntico. Melhor, sem dúvida, que se tivesse alcançado uma vitória com sorte, sem haver desenvolvido o jogo que vimos nessa tarde gelada sobre a detestável pista dabilnesa.

Depois do encontro de Lisboa, dissemos várias vezes nos colunas da imprensa que o futebol espanhol carecia de tática adequada. Que ninguém se preocupava em inculcar aos jogadores um plano preconcebido de jogo, com o que se evitaria o excessivo desgaste de energias pelo maior rendimento de conjunto e eficácia. Pois bem! A equipa de Espanha saía em Dublin a cumprir o que se lhe havia ordenado, o que tinham ensaiado nos dias em que estiveram juntos os componentes da selecção. Pouco foi esse tempo, claro está, mas os efeitos notaram-se. Agora chegou a oportunidade de começar, como se fará, desde logo, segundo declarações da Federação Espanhola, uma preparação séria da nossa equipa nacional, com um plano metódico e conveniente, a fim de que, na próxima época, os nossos homens não tenham que assacar a falta de preparação as dificuldades que possam encontrar nos campos de jogo.

Em Dublin pensou-se, muito acertadamente, que a Irlanda não sairia a fazer jogo defensivo, como em Lisboa e em Madrid. E ordenou-se que o médio-centro, Sans, se atrasasse até estar unido à parelha defensiva, com a exclusiva missão de sajeitar o avançado-centro contrário, ao mesmo tempo que os defesas se encarregavam dos extremos. Pela sua parte, os médios-nas marcavam os interiores, e no ataque espanhol, os interiores, por sua vez, atrasavam-se um pouco para ajudar os médios no seu trabalho de defesa e enlace.

Pouco mais ou menos, isto resultou bem. Sans foi um grande terceiro defesa, melhor do que o que esperávamos depois de tê-lo visto nos treinos, e cada qual procurou cumprir com a sua obrigação o melhor possível. Houve falhas, naturalmente, pelas dificuldades do terreno, que obrigou os defesas a não se afastarem demasiado do centro, o que facilitou o trabalho dos extremos irlandeses, em especial de O'Flanagan, o direito, a quem Carta não se dedicou exclusivamente como se lhe havia ordenado. Querejeta também abandonou um pouco o extremo-esquerdo Eglington, mas não tanto como o seu companheiro de linha.

Os médios-nas cumpriram a metade do seu objectivo. Nando marcou melhor do que Gonzalvo III o interior do seu lado, e entendeu-se muito bem com Herrerita. Gonzalvo foi melhor, em contraste, no ataque, e o seu entusiasmo, no estilo de Lisboa, constituía uma das notas salientes da partida. Fez, nem mais nem menos, o mesmo que frente a Portugal: não marcou estreitamente uma unidade, mas ocupou um posto volante entre o extremo e o interior, tirando à sua actuação eficácia defensiva.

Herrerita, no primeiro tempo, parecia um médio mais. Atrasado, era ele quem servia bolas a Gainza e a Zarra, e quem mudava o jogo para Epi, na sua contrária. Depois, nos últimos minutos da primeira parte, e em seguida ao descanso, quando se convenceu de que os irlandeses não eram já tão perigosos e se achavam suplantados pela velocidade dos nossos jogadores, lançou-se para diante e sargia então um Herrerita grande, de classe extraordinária, o homem que só por si é capaz de vencer um pleito. O ataque cobrou novos bríos e a vitória esteve à vista. A moral dos «encarnados» (em Dublin vestiram de novo a gloriosa camisola de Anvers) era formidável e impanha-se à técnica para, mas lenta, dos irlandeses.

Zarra trabalhou também muito. No corte do jogo e no drible destacou-se como Herrerita, mas não foi tão eficaz como este por causa do seu afã de apurar excessivamente a jogada e pela sua insistência em passar sempre a Epi, que se achava marcadíssimo, quando Zarra esperava inutilmente bolas para mandar para as redes.

Gainza, já o temos dito, foi o melhor homem da nossa equipa. Ele levou constantemente a bola ao campo adversário quando a Irlanda dominava nos primeiros minutos, e foi ele quem deu a Zarra as oportunidades dos dois golpes mortais. Em muito melhorou Gainza a sua actuação de Lisboa, e demonstrou que é uma das indiscutíveis figuras desta geração que se apresenta pródiga em grandes futebolistas, aos quais só falta que se saiba aproveitar ao máximo as suas possibilidades, à força de preparação e ensino. Epi, em tom mais baixo que o outro extremo, fez coisas muito boas, apesar de marcado pelo duríssimo Walsh. Zarra, como sempre, esperando a oportunidade do remate, entendeu-se bem com Gainza, e apesar de não ter uma tarde extraordinária, foi um bom avançado-centro internacional.

Espanha perdeu um desafio, mas encontrou uma equipa. Isto é indiscutível. E encontrou um pouco mais: o moral, que parecia ter-se perdido no Vale do Jamor; a fúria, que há muitos anos não dava

(Continua na página 19)



Os dois grupos, o espanhol e o irlandês, ao som dos hinos nacionais

Impressões da Irlanda Espanha adota o «jogo de posição»

Os desafios de futebol no estrangeiro são muito curiosos! Talvez nos dêem mais nitidamente a talha do jogador de classe internacional, aquele que não se deixa impressionar pelo ambiente estranho, nem seja pelo que seja. No homem de fibra, de bom rendimento e que tem o gosto da luta, os rugidos do público são acolhidos como se fossem aplausos... Um futebol só se consegue erguer a grande altura ao dominar a marcha do encontro fora do seu lar, e tomando nesse momento o ramo da vitória. Os portugueses já contam muitos triunfos no Estádio Nacional, e parece-nos haver chegado a hora de vencer também fora de casa. Essa ideia representa para nós uma obsessão. Por isso viemos a Dublin, com passagem por Londres, a capital do futebol. Vendo actuar no campo nevado do Bohemian Club os excelentes irlandeses, talvez nos tivéssemos aproximado mais um pouco de um novo triunfo.— Quem sabe?

A Espanha, por exemplo, vinha à Irlanda (verdade seja!) nas piores condições possíveis! Dublin estava coberta de neve, o frio cortava o corpo, e o terreno reflectia, no seu aspecto, a quadra invernal. O campo é modesto, e não tem capacidade para desafios tão importantes. Apenas 35.000 pessoas. O público invadiu-o várias vezes, e o árbitro viu-se na necessidade de suspender o jogo durante um bom quarto de hora, a oito minutos do fim do primeiro tempo. A relva quase que havia desaparecido, e o rectângulo estava coberto de palha para o proteger do gelo. E não nos venham dizer que só nós, os portugueses, vibramos. Os irlandeses começaram a gritar quando começou o desafio, e continuavam na mesma quando acabou... Pois bem! Nestas condições adversas, os espanhóis perderam por 3-2. Uma bola estabelece com verdade a diferença do jogo. Foi uma equipa séria, que soube jogar e aproveitar as suas armas. A quando da nossa inolvidável vitória de 4-1, disse-se, em vários sectores, que o futebol da Espanha estava na maior decadência. Todos madriam, certamente, de opinião, se vissem os espanhóis, uns gigantes, na sua fúria indomável, dominar o método irlandês tão bem cotado actualmente no quadro da Grã-Bretanha. Em futebol tudo depende afinal do adversário.

Todos os desafios são diferentes. Às vezes, um *team* toma os ventos e navega sempre ao seu sabor. Nada o desvia. Em outras ocasiões o colorido muda a todo o momento, e as várias fases sucedem-se com imprevisto. Neste Espanha-Irlanda tudo poderia ter acontecido. Com 2-0 a seu favor, os irlandeses tiveram oportunidade de castigar severamente

o seu adversário. Mais uma bola e seria a derrocada espanhola. Logo veio 2-1 e 2-2, e nesse momento a Espanha teve a vitória à vista, aliás, não aproveitada, numa jogada em que Zarra, nervoso e pouco destro, fez o mais difícil — que era precisamente não meter a bola nas redes. Um *goal*, de qualquer dos lados, decidiria o problema. Tal aconteceu, na verdade.

Espanha-Irlanda teve duas caras. Ambas carlosas, vistas cada uma pelo seu lado. No primeiro tempo, os *folhas de trevo* como que não eram onze, e davam pelo contrário a impressão de que eram muito mais, que estavam em todos os sítios, mágicamente, segurando a bola por um fio e atirando-a para o sítio pró-

tas, não eram inferiores ao inimigo e que também tinham alguns tranfos na mão. Deixaram-nos então, sem hesitações, no jogo. E vimos surgir a tão falada fúria, que não exclui ligação nem movimentos ordenados. Os irlandeses replicaram a espaços. A Irlanda continuava a jogar o seu futebol rasteiro, de golpes estadados à maneira inglesa, e os espanhóis o seu jogo rápido, a meia altura, num calor que derretia o gelo!

Sem dúvida, o futebol aperfeiçoava-se cada vez mais. E na luta que vem travando-se, julgamos que na melhor das intenções, a propósito das modernas táticas, há coisas carlosas. Passa-se em Espanha o mesmo que já se passou em Portugal. Por

Deste modo vai regressar a Madrid com um resultado que lhe aquietou os nervos abalados pelos 4-1 do Jamor, e tem agora forças suficientes para encerrar o faturo com mais confiança.

Entre os críticos espanhóis há a impressão de que o seu país, para ter uma boa selecção nacional capaz de repetir os triunfos do passado, sómente lhe falta um permanente contacto internacional como prova e adestramento dos seus modernos valores. Concordamos com o juízo.

— Não podemos nem devemos descer a pormenores. Mas queremos destacar a forma como os irlandeses praticam a regra do *off-sid*, tal como fez a R. A. F., no Val do Jamor, tirando todo o partido possível da lei e colhendo de surpresa, imensas vezes, os dianteiros visitantes, especialmente Zarra. Eis um aviso para os nossos jogadores, especialmente para Fernando Peyroteo.

A Irlanda formou os seguintes jogadores: Breen, Megowan, Carey (capitão), Farrell, Martin, W. Walsh, O'Flanagan, Coad, D. Walsh, Stevenson e Eglinton, alguns dos quais já nossos conhecidos por haverem actuado no Jamor.

A Espanha alinhou: Eizaguirre, Querejeta e Curta, Gonzalez III, Sans, Nando, Epi, Arza, Zarra, Herrerrita e Gainza.

Ao quarto de hora certo, após uma combinação pela asa esquerda, o avançado-centro Walsh fez o primeiro *goal* com uma bola colocada. E aos 23 minutos, Coad, na posição de interior-esquerdo, elevou para duas as bolas irlandesas. Dois minutos depois, de um esforço de Gainza, que colocou estupidamente a bola nos pés de Zarra, resultou o primeiro *goal* espanhol. O jogo foi suspenso aos 38 minutos por um largo quarto de hora. Aos 15 minutos do segundo tempo, um serviço de Herrerrita a Zarra proporciona a bola do empate. Enfim, aos 35 minutos, o célebre Walsh fixou definitivamente o resultado em 3-2 a favor da Irlanda.

Por uma coincidência estranha, todo o lado esquerdo da Irlanda, com destaque para a asa do ataque, foi melhor do que o direito. Pontos relativamente fracos: o guarda-redes e o médio-centro. Nos espanhóis brilharam: Querejeta, Sans e Arza, mas principalmente Gainza e Herrerrita. Eizaguirre deixou cruzar o jogo em frente das balizas e foi vítima da sua orientação na terceira bola, talvez por a sua primeira e única saída lhe haver custado um *goal*, o primeiro da série premiada.

Os espanhóis não esconderam no fim a sua satisfação. O espectro de resultado desnível atormentava-os. Naturalmente. Os 3-2 de Dublin podem classificar-se



Antes de começar o encontro de Dublin, Herrerrita cumprimenta o presidente da Câmara da cidade, vendo-se ao lado o sr. tenente-coronel Zamalloa, chefe da embaixada

prio, esquivando-se ao ímpeto das *camisolas vermelhas* que, pela primeira vez, reapareceram no corpo dos espanhóis depois da guerra de Espanha. Os nossos visitantes, porém, não deixaram de dar, de quando em vez, um ar de graça e do sol latino, quebrando o frio irlandês, e lançando-se veloz e ousadamente pelo campo adentro do adversário. Se Gainza pode ser tomado como modelo da fúria, Herrerrita foi o criador de figuras de jogo — mostrando a casta do futebol espanhol.

No segundo tempo registou-se a mutação de cenário, e coube a vez dos irlandeses sofrerem o assédio e de fazerem a barricada em frente das balizas. Já na primeira parte, mas mais accentuadamente no começo da segunda, os espanhóis sentiram e compreenderam que, afinal de con-

ironia do destino, Hernandez Coronado, o seleccionador, inimigo feroz do sistema W. M., havia de ser o primeiro a aplicar a formula, fugindo aos métodos tradicionais do futebol espanhol. A Espanha jogou, na defesa, caracteristicamente em M, com Sans atrasado, no centro do terreno, aliás, cumprindo honradamente a missão, os defesas cobrindo os extremos e os médios-alas os interiores. Nem sempre a chave girou bem na fechadura, porque o método não se apreende nos seus múltiplos aspectos num repente, e porque os meias-pontas não se importaram no plano, mas o que importa salientar é a intenção.

O futebol de Espanha já não quer aventuras. Sabe hoje perfeitamente que o preço da improvisação é caro e procura acertar as linhas e tomar norte.

como um bom resultado. Bailaram e cantaram toda a noite, já libertos da dúvida. Mentalmente, na revisão que fazemos, e pondo nam dos pratos da balança o rendimento dos espanhóis e dos irlandeses e no outro as possibilidades do *team* português, podemos dormir tranquilamente visionando o Portugal-Irlanda de Maio já com melhor tempo e relva em vez de gelo. Assim pudésemos falar do Portugal-França de 23 de Março, em Paris, e que encaramos com apreensões e as maiores cautelas, o qual será dirigido por este mesmo Inglês Barrick que, em Dublin, agradau a gregos e troianos, numa modelar lição de arbitragem. Mas o futebol português já atinga a maioridade.

Tavares da Silva

Eizaguirre, todo no ar, agilmente, para um golpe de Ellington, o mais perigoso dos jogadores irlandeses



Walsh ataca, e Eizaguirre val defender. Querejeta quer intervir, e Curta foi para as redes — para o que der e vier...



Um ataque impetuoso da Espanha, vendo-se Zarra e Arsa em acção. Vê-se bem o estação do campo, coberto de palha...



Uma defesa segura de Eizaguirre, que fez coisas boas e más na Irlanda



Goal! grita um jogador espanhol. É o primeiro da Espanha. O guardarede e os defesas estão nitidamente batidos

Apreensões justificadas

do seleccionador Coronado

Pablo Hernandez Coronado é um verdadeiro *gentleman*, o tipo do castelhano culto, bem educado, talvez um pouco mordaz. Quando tomou o lugar de seleccionador, ocupando já a cadeira de tesoureiro da Federação, lê-lo um pouco despreocupadamente. Estava então disposto a diluir os desgostos da função numa simples ironia...

Mas foi, como não podia deixar de ser, apanhado pela engrenagem do futebol. A derrota sofrida em Portugal desabou sobre a sua pessoa uma série inflável de catiladas, vindas de todos os lados e despedidas com maior ou menor destreza.

Coronado não se deu por achado. Revestiu-se de toda a paciência e serenidade, e deixou passar a tempestade...

No regresso a Madrid, vindo do Vale de Jemor, a primeira frase para os jornalistas, seus compatriotas, resumia todo um desejo de luta e propósitos de tomar sobre os ombros pesada tarefa:

— Sossegai! Eu não me demitirei!

E logo começou a tratar de Espanha-Irlanda de Dublin, com o mais vivo interesse. O exemplo da tarde de 26 de Janeiro no Estádio Nacional impressionara fortemente o seu espírito. Naturalmente, e como consequência, suas concepções e doutrinas evolucionaram.

O seleccionador espanhol não era partidário, ele mesmo o dizia, do jogo tático de posição. Mantinha a opinião de que onze bons jogadores formarão sempre uma boa equipa...

...E talvez por não haver agora em Espanha os tais onze bons jogadores, Coronado decidiu meter-se abertamente nos planos do jogo, auxiliado pelo treinador Encinas, adoptando várias medidas com vista à Irlanda. Nem por ser apressada, a preparação deixou de ser útil. Na história do futebol espanhol, pela primeira vez, os treinadores dos clubes foram chamados à pedra em prol da uniformidade de táticas, desperdiçou-se um domingo da Liga, havendo ainda concentração dos jogadores, ginástica, inspecções médicas e outros cuidados.

Enfim, quando chegámos a Dublin, Coronado estava apreensivo. Conosco desabafa um pouco. Talvez pelo convencimento de que o compreendíamos melhor do que as outras pessoas. Disse-nos:

— O futebol de Espanha está a jogar uma cartada difícil. Temos bons jogadores, mas a esses elementos falta calor e experiência, com escassas excepções. E' preciso relazer todo um *team* internacional e todo um prestígio. O pior é que isso não se pode fazer de pé para a mão — nem sei quanto tempo levará! — e os espanhóis não se acostamam facilmente, revendo-se nos trian-

los do passado, a ver perder o seu Grupo Nacional. Ora, para voltarem os dias luminosos, é preciso atravessar uma fase sombria.

Conversámos um pouco sobre os irlandeses, e demos-lhe a nossa opinião, isto é, a ideia que fazíamos do seu jogo, o seu processo e as suas características. As apreensões de Coronado eram transparentes:

— Na verdade, creio que tudo poderá suceder! Temos de nos livrar da *paliza*, e em caso de perda, perder-se honrosamente. Tudo depende, acrescentava, da forma como o grupo ligar. Em Lisboa, não combinámos. Aqui, em Dublin, veremos. Confio, de certo modo, no ataque. Tenho ligaras. Mas, na defesa, os espanhóis mostram-se rebeldes na marcação. Em todo o caso, vou fazer a experiência. Jogaremos contra a Irlanda adoptando o jogo tático inglês, em WM puro, numa disciplina apertada.

Tivemos a impressão, no entanto, de que Pablo Hernandez continuava a não confiar lá muito no jogo de posição. Fazia a experiência, um pouco arrastado na torrente...

Ora, verdade seja, os jogadores espanhóis meteram-se com relativa facilidade no sistema preconcebido. Sans desempenhou quase com perfeição o seu papel de defesa no centro do terreno. Querejeta, rápido, cobria bem o extremo-esquerdo. Já Curto, que vimos jogar magnificamente no centro do terreno em Lisboa, não mostrou a rapidez exigida para cobrir o *pona*. Gonzalvo, o jovem catalão, impetuoso e ardente, foi o que mostrou maior relutância em desempenhar uma função determinada; e Nando praticou o sistema, não deixando trabalhar o interior adversário do seu lado, como se em toda a sua vida de jogador não tivesse jogado de outra forma.

Seria escusado acrescentar, mas fazêmo-lo para evitar falsas interpretações, que estes jogadores procuraram colocar-se bem, nas variadas e múltiplas fases do jogo, entre-ajudando-se, e aconduzindo cada unidade ao sítio próprio no intuito de tapar as clareiras inevitavelmente originadas pelo constante movimento dos jogadores.

E tivemos a oportunidade de verificar mais uma vez que um plano de jogo, bem estudado e aplicado com inteira disciplina, não faz desaparecer as qualidades individuais. O bom jogador é sempre bom, e o elemento rápido nunca será lento. A fúria espanhola reapareceu...

O jogo tático fora introduzido delinidamente em Espanha, e Coronado convertera-se, dando um exemplo de inteligência e conseguindo para o futebol do seu país um resultado honroso.

T. S.

Vamos entrar

no famoso Arsenal...

Ero a primeira vez que visitávamos Londres, a capital mundial de futebol! A caminho de Dublin, com algumas horas apenas de paragem na grande cidade, quase que não a saboreámos... Vinhamos agora de volta, no regresso para Lisboa, e reconhecíamos na grande cidade a mesma fisionomia.

A viagem, de avião, em duas horas, entre Dublin e Londres, foi excelente e agasalhada por infinitas atenções.

O comandante, um senhor alto, ossudo, talvez um pouco acriançado, bom católico como todo o irlandês, veio falar um pouco conosco, num francês compreensível, e explicou-nos que, por exemplo, os melhores *players* irlandeses jogam nos clubes ingleses, porque estes pagam melhor; e ainda que não há em Dublin um campo capaz para encontros de grandes assistências e que o Estado deveria resolver o problema...

Londres voltou a dar-nos o espectáculo de neve. Toda ela era branca como a cal, de um branco muito branco e muito puro, sem mancha ou mácula. As ruas tinham palmas de gelo, os automóveis recobriam-se de uma camada grossa de neve, e as árvores ofereciam um aspecto estranho.

Mas a vida fazia-se normalmente. O londrino, acostumado ao gelo — suportava pacientemente o frio. Londres é uma cidade enorme, com área infundável e população imensa. De tudo isto resulta um trânsito complicado e intenso, que não deixa de constituir um espectáculo curioso e inédito. A cidade é cortada por diferentes meios de transporte, quer à superfície quer subterrâneos, mas há uma sinalização perfeitíssima e a multidão gira nas ruas sem dificuldade e entorpecimento. Tudo certo!

Bem sabemos que, nos seus lares, os ingleses instalaram-se de forma mais cômoda e confortável, combatendo o frio por meio de magníficos aquecimentos. Mas, para sua infelicidade, o aquecimento não pode ser posto a funcionar por não haver carvão. E como se torna preciso poupar a energia eléctrica, esta não deve abrir-se das 14 às 16 horas. A energia não é cortada, não há fúria, mas nem um só inglês deixa de obedecer. Caso curioso, os estrangeiros que vivem em Londres, e que poderiam infringir sem riscos a determinação, fazem uma coisa que talvez não fizessem na sua terra, e que é pura e simplesmente respeitar a medida...

Por esta amostra se vê que a vida em Londres não é positivamente um paraíso, e que o país sofre, ainda e duramente, as consequências da Guerra. Poderíamos falar noutros aspectos, mas deixaríamos de fazer um artigo desportivo e isso é que importa. Não deixa, contudo, de impressionar a forma elevada, verdadeiramente cívica, como os ingleses suportam as di-

ficuldades actuais e aguardam a resolução dos seus problemas.

Poucas horas depois da nossa chegada estávamos na B. B. C., onde tivemos o prazer de dar os nossos impressões do Espanha-Irlanda para Portugal. Para o outro dia tinhamos marcado visitas a vários campos de futebol, entre os quais o do famoso e popular Arsenal. Acompanhamos-nos sempre os nossos bons amigos António Mendes, vice-cônsul de Portugal em Londres, e seu irmão Fernando, dois belenenses da mais pura gama e que em Londres seguem com entusiasmo a trajectória do seu clube em Portugal. Vão ver jogar, por exemplo, certo clube inglês porque a equipa é igual à de Belem, e quando nos querem retrair qualquer dos célebres elementos ingleses, é sempre ao Belenense que vão buscar o modelo: — Trata-se de um jogador, assim, à maneira de Augusto Silva. Talvez me nos bom...

António Mendes procurara Mister Rous, o considerado secretário geral da Federação Inglesa, por toda a parte. Mas não havia meio de o encontrar. Sumiram-se da cidade nesse dia, e isso levava-nos a fazer a visita ao Arsenal, directamente, aliás, com o maior agrado dos seus dirigentes.

A caminho do campo do Arsenal, que dá o nome a um bairro de Londres, Fernando Mendes liu-nos a descrição do jogo que, no último sábado, disputara esse clube. O jornal não escondia a injustiça do resultado (Arsenal perdera), e atribuía ao árbitro da partida as maiores culpas. Ora, isto não deixou de nos admirar. Sempre nos haviam dito que o *clima* inglês era muito diferente do nosso, que as decisões dos árbitros eram intangíveis, que os crílicos não comentavam as suas acções, e verificávamos agora que, afinal, dá-se o mesmo em toda a parte! Em Dublin, o público irlandês fez um barulho infernal e entusiástico. Em Londres, os jornais ingleses dizem que os árbitros são péssimos e influem nos resultados.

Mas não havia tempo para mais reflexões. O taxi parara. Estávamos à porta do Arsenal e fomos entrar num verdadeiro campo e num grande clube.

T. S.

Almanaque dos Desportos

300 páginas ilustradas

Autores: — Alguns dos melhores jornalistas portugueses

Recebem-se inscrições neste Redacção — Preço do livro 22\$50 — Todas as modalidades e todos os campeonatos — As leis do futebol dentro de uma grande obra.

JOGOS DA BOLA

ANDEBOL

Depois de muitas semanas de interrupção total ou parcial foi finalmente possível, no domingo, cumprir na íntegra o programa da jornada do campeonato lisboeta, de cuja sequência regular está dependente a regularidade de organização do torneio federativo, que o completa.

Os encontros celebrados não trouxeram surpresas; Belenenses, «Cuf» e Sporting ganharam como se presamias, embora seja de salientar a dificuldade que o último encontra em deslazar-se do Benfica, que desta vez ainda não conseguiu aquele mesmo objectivo que os futebolistas do Oihanense procuram há mais de vinte anos: dominar os «leões».

Os «casais», que se mantêm à frente da classificação fazem, desde já, figura de prováveis campeões; o seu jogo com os terceiros nada teve de fácil, mas termina com significativa vantagem no marcador.

Por sua banda, os «caçistas», detentores do título, juntaram ao activo mais uma vitória confortável sobre o Oriental, condenado no último lugar; embora seja de considerar a possibilidade de derrotarem o Belenenses no encontro que têm a disputar, para as suas ambições ainda tal não seria suficiente, pois lhes pesa como um grilhão o empate com os sportingistas, que a ambos prejudicou.

Na segunda Divisão, o Almada desembarçou-se do Atlético no único jogo da jornada e redne cada vez maiores probabilidades de sair vencedor; tudo depende do resultado que obtenha contra o Glória, bastando-lhe o empate para conservar a sua invejada posição.

O interesse do campeonato não nos deve, contudo, fazer esquecer as lutas grandes responsabilidades da época: 10 de Junho é o dia reservado, no programa das Festas de Lisboa, exclusivamente para o andebol, que receberá, no seu leão, Barcelona ou Paris. Não seria tempo de começar a preparação técnica e ginástica, sobretudo ginástica, dos possíveis seleccionáveis?

VOLEIBOL

O tempo favoreceu o início do campeonato, e os jogos da jornada inaugural, merecidos excepcionalmente para domingo, puderam realizar-se em boas condições; e dizemos excepcionalmente, porque a Associação tomou a feliz iniciativa de reunir, este ano, os três encontros de categoria de honra da Divisão Principal (e porque não também os da imediata?) na mesma sessão nocturna, a marcar para um dos dias da semana, que nunca o domingo.

Esta medida, desde que seja possível contar com recinto apropriado, como idealmente o ginásio do Técnico, os campos do Ateneu ou do Lisgás, contribuirá poderosamente para a expansão popular da modalidade, conqui-

tando-lhe público condigno da importância que possui já, pelo elevado número dos seus adeptos praticantes.

Devemos sempre ter em espírito que o voleibol é, com certeza, o jogo desportivo que maior número de praticantes conseguiu reunir em Portugal, depois do futebol; somando, como o demonstra há tempos o nosso colega «Mando Desportivo», os participantes aos torneios clibistas, militares e da mocidade, o total atinge muitos milhares.

Por outro lado, o voleibol aproxima-se da consagração internacional; com efeito, além dos encontros com as seleções regionais do Porto e da Madeira, que se anunciam, teremos, incluído no programa oficial das Festas da Cidade, o encontro Lisboa-Paris, para o qual é necessário preparar devidamente a nossa representação. Sobre-tudo, ante o problema da modificação das regras em vigor, porque se os franceses jogam em harmonia com as actuais leis americanas, diferentes das nossas (rede mais alta quatro centímetros, por exemplo), é indispensável um período de adaptação, relativamente largo, para que os portugueses se possam sentir em perfeito à vontade.

José de Eça

CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

A marcha do SPORTING ELVENSE

motivo de satisfação para os seus partidários

Pelos resultados do último domingo, verifica-se que o campeão de Trás-os-Montes colecionou outra derrota, também de surpreender; que os elvenses do Sporting demonstram possuir uma boa equipa, e que o Sporting de Braga perdeu por 5-1 com o Gil Vicente, de Barcelos, na primeira volta derrotado pelo mesmo número na capital do Minho!

Os pupilos de Alberto Augusto, com esta derrota, perderam por certo todas as esperanças de se classificar bem na 4.ª série, onde o Académico do Porto dá cartas. Foi, quanto a nós, o resultado mais surpreendente da jornada, mesmo contando com a expressiva derrota do Leça frente a Leixões e do Contimbricense em Espinho ou do Unidos de Montijo contra o Operário de Lisboa. A derrota deste estava anunciada há muito tempo... Então, por 12-0 que não existiram. Desta vez, «de facto» por 10-1. Foi «enguiço».

Nos restantes clubes de Lisboa, o Arroios, naturalmente, não pôde fazer melhor, tendo por adversário o G. D. da Cuf. O Oriental continua a coleccionar vitórias, e sempre esclarecedoras da sua boa forma. O Casa Pia e o Sacavenense, por seu turno, estão a dar boa conta de si! O futebol Benfica também ganhou fora de casa.

Fora de Lisboa, além dos resultados acima referidos, alguns bem surpreendentes, merece apontamento o empate Almada-Ginásio do Sul, o Aldegalense perdeu com o Luso do Barreiro no seu campo e o mesmo sucedeu ao Reguengos contra a Cuf do lado de lá.

Eis os resultados gerais:

Grupo A — 1.ª série: — Celoricense-Vila Real, 3-0; Mirandela-Lamego, 3-2; Flaviense-Flávia, 0-3.

2.ª série: — Vianense-Ramaldense, 4-0; Desportivo Monção-Paredes, 3-0; Leça-Leixões, 0-5.

3.ª série: — Avintes-Oliveira do Douro, 2-0; Sporting Fafe-Desportivo Aves, 6-0; Salgueiros-F. C. Gaia, 6-1.

4.ª série: — Gil Vicente-Sport de Braga, 5-1; Académico-Candal, 5-3; Ermezinde-Infesta, 2-1.

Grupo B — 5.ª série: — Beira Mar-Ovarense, 5-0; Espinho-Comimbricense, 7-0; S. L. Viseu-Académico (V.), 0-1.

6.ª série: — Anadia-Marialvas, 2-0; U. Lamas-A. Naval 1.º de Maio, 4-2; Oliveirense-União de Coimbra, 3-2.

7.ª série: — Leões (S.)-F. Entroncamento, 2-3; Marinhense-União Operária, 3-1; Oriental-Ginásio Alcoaba, 9-1.

8.ª série: — Alhandra-Sacavenense, 1-3; Matrena-Vilafranquense, 1-4; Torreense-Peniche, 5-0.

Grupo C — 9.ª série: — Casa Pia-Rossienne, 4-0.

10.ª série: — Amora-F. Benfica, 0-1; U. Montijo-Operário (L.), 10-1.

11.ª série: — Almada-Ginásio do Sul, 1-1; Arroios-Cuf de Lisboa, 0-6.

12.ª série: — União de Mont.-Laveirense, 1-2; Palmense-Lusitano (E.), 4-1; Aldegalense-Luso Barreiro, 1-2.

Grupo D — 13.ª série: — Sp. Covilhã-Covilhense, 3-1; S. L. C. Branco-Egitaniense, 10-2.

14.ª série: — Portalegrense-Juventude (E.), 4-1; Elvense-Campomaiorense, 10-0.

15.ª série: — Moura-Piense, 4-1; Reguengos-Cuf do Barreiro, 2-4; União de Beja-Luso de Beja, 4-3.

16.ª série: — Esperança-Portimonense (*).
(* Adiado.

JUNIORES DA A. F. L.

SPORTING e BELENENSES

foram os melhores grupos da primeira fase da prova

Para definir completamente as classificações dos concorrentes nas várias séries houve necessidade de mais uma jornada do que as previstas no começo da prova.

Teve, portanto, de sofrer adiamento o começo da fase final do campeonato, aguardada com ansiedade por se calcular que ela venha a «salvar» o certame. Com efeito, o apuramento dos finalistas tornou-se fastidioso, arrastando-se por algumas jornadas que o mau tempo prejudicou.

Depois dos encontros de domingo, há, ainda, um desafio em atraso. Mas ele não afectará, estamos certos, a sequência da prova, porque as equipas, que nele intervêm, não estão incluídas entre as que passam à fase final.

Os vencedores das partidas desta jornada suplementar estavam mais ou menos previstos, podendo, apenas, causar sensação os 7-0 do Palmense ao Estrela Amadora. A desforra foi pesada para os amadores.

Na 1.ª série ficaram apurados o Sporting A e o Palmense. Nada mais certo. Os dois grupos foram os mais regulares e os que melhor rendimento deram durante a primeira fase da prova. Os «leões», sobretudo, foram invencíveis, justificando os títulos que detêm. O «score» de 52-3 é concludente quanto à eficiência da linha avançada e segurança das linhas defensivas. O Palmense só perdeu

com o Sporting — e de ambas as vezes pela tangente — e com o Amadora, imerecidamente.

Na segunda série, os apurados são o Oriental A e o Benfica A. Superioridade incontestável sobre os restantes grupos da série, pois o mais directo competidor ficou, respectivamente, a 8 e 6 pontos. O Oriental foi um bom animador da prova, podendo considerar-se muito auspiciosa a sua estreia. Os «encarnados» estiveram longe de corresponder ao que deles se esperava.

Na terceira série o «caso» foi muito sério. Tão sério que só no domingo foi possível «arrumar» os quatro primeiros lugares, sendo, antes, admissíveis todas as hipóteses.

Ficaram apurados o Belenenses A e o C. U. F., primeiros classificados merecendo uma excelente segunda volta. Antes o Benfica A e o Oriental B haviam-se mostrado mais capazes de se colocarem à frente dos competidores. Os últimos ficaram distanciados.

Na quarta série, a equipa B dos Belenenses foi excelente vencedora. Carreira idêntica à do Sporting A: tudo vitórias e 57-4. Mas os apurados foram o Atlético, segundo classificado, e o Cascais, 3.º. O Cascalheira foi adversário temível. A quebra de rendimento dos alcantarenses, nas últimas «saídas», permitiu a aproximação do Cascais.

Diamantino Dias

Vitória difícil do Benfica



Não há legenda que possa explicar fase tão movimentada! Fica nos olhos do leitor e não é o suficiente. Diz-se que Baptista, admirável guarda-rede, está em perigo? Que Figueiredo, dentro da baliza, é sentinela vigilante? Que Vítor Baptista é enérgico e procura ser prático? Escolha o leitor...



O jogo Benfica-Vitória desenvolveu-se muito sobre a baliza setubalense. E Baptista correspondeu!



Outra admirável defesa do setubalense Baptista. Júlio e Andrade estão desarmados...

Campeonatos Regionais de CORTA MATO

Disputou-se um «corta-mato» para os campeonatos regionais. Em cima, a equipa senior do Benfica, vencedora colectiva. Em baixo, o grupo do Sporting, que venceu em juniores. Ao lado, Libaneu Santos, do Sporting, vencedor «principlante»



Novo triunfo leonino em OLHÃO



O Sporting ainda não perdeu em Olhão. Melhor: ainda não perdeu com o Olhanense, o melhor representante do Algarve em provas do futebol nacional. Havia quem esperasse... Talvez fosse desta vez... Mas não. O Sporting Clube de Portugal parece preparado para todas as lutas, mesmo as mais áperas, e a de Olhão não pode libertar-se deste processo. Algumas fases que publicamos demonstram que o jogo não foi fácil para os leões. Vejamos: 1 — Azevedo, o excelente guarda-rede nacional, defendido por colegas e adversários; 2 — Carregado por Sldónio, consegue Abrado bloca uma bola perigosa; 3 — Cabrita escapa-se a Canário; 4 — Cardoso deixa para Azevedo uma bola. Confiança absoluta!

Concluiu-se o campeonato de futebol da Mocidade Portuguesa, Ala de Lisboa. Triunfou a equipa da Escola Manuel Bernardes, tendo como finalista a Escola Ferreira Borges. Dois bons adversários. Publicamos, em cima, o grupo vencedor; em baixo, a equipa vencida

futebol M.P.



Comentários

A piscina de Espinho

Há meia dúzia de dias, durante o auge da maré viva, o mar bravo e indomito de Espinho destruiu, em algumas horas, uma grande parte da magnífica piscina-solário, um dos melhores entre os raros recintos onde, em Portugal, se podia praticar a natação desportiva.

Não haviam decorrido quinze dias ainda que a piscina fora visitada pelo Inspector dos Desportos sr. Ayala Bollo e pelos membros da Comissão Permanente de Intercâmbio desportivo Luso-Espanhol, dr. Salazar Carneira e sr. Guilherme Hildebrand, os quais ali haviam ido estudar e determinar a probabilidade de organização, no próximo Verão, do encontro Portugal-Espanha.

Já então impressionara aos visitantes a situação crítica em que se encontravam as instalações, cujo muro fronteiro à praia começava já a ser roído pelo mar nas suas fundações, sem qualquer precaução prática contra futuros ataques.

A catástrofe, que o é autenticamente para o desporto português, estava prevista embora se pudesse julgar não tão iminente: a avenida marginal, que separava o oceano da piscina, fora já totalmente levada pelas águas no seu martelar implacável e iracundo.

Os organismos competentes tinham em estudo o processo a empregar para diligências de salvação das edificações; o mar andou mais depressa, e do que foi arrojada iniciativa particular, orgulho do desporto nacional, restam apenas ruínas, lamentáveis ruínas, porque supomos o mal irreparável.

No bom caminho

O importantíssimo problema do auxílio às colectividades e organismos desportivos, no sentido de lhes permitir o melhoramento das suas instalações ou o cumprimento integral da sua missão dirigente, começa felizmente a ter a ambicionada solução favorável, se ainda não total — o que é praticamente impossível — pelo menos em escala suficientemente larga para que se possa considerar assegurada a sua eficiência.

Desde que o Governo assegurou à Direcção Geral dos Desportos recursos próprios para fins de auxílio aos desportos pobres, numerosas são já as agremiações que beneficiaram de importantes contributos para as suas obras vitais, podendo considerar-se por outro lado assegurada a possibilidade de digna represen-

tação em competições internacionais aquelas modalidades que até agora se sentiam asfixiadas pela carência de meios económicos.

Altera-se, assim, profundamente, todo o panorama do desporto português, rasgando-se-lhe novos horizontes, mercê do apoio, decidido e convenientemente canalizado, do Estado, na perfeita compreensão das vantagens duma actividade de características essencialmente nacionais e patrióticas.

A tarefa ainda agora começa e as necessidades são tantas, que o seu desempenho vai ser longo e difícil; mas é basto motivo para regozijo unânime verificar-se que entramos no bom caminho e que o organismo superior do desporto português, no integral desempenho da missão que lhe foi atribuída, além de orientar e disciplinar, já pode também auxiliar e colaborar na obra dos trabalhadores meritorios da causa desportiva.

Educar pelo desporto

A influência particular exercida pela actividade física do desporto praticado ao ar livre sobre o organismo, não se restringe ao domínio fisiológico, e esta verdade nunca deve ser esquecida por dirigentes e orientadores.

Tem-se escrito vezes sem conto que o culto do exercício físico na feição desportiva, em condições de disciplina e método, figura como precioso elemento auxiliar na formação moral da juventude, tornado cada vez mais necessário pelas condições especiais de vida criadas pelos modernos regimes sociais. Não esqueçamos que o desporto se inclui entre os três meios de acção da educação física e que esta, exactamente definida, não é «educação das capacidades físicas do indivíduo», mas sim «educação do indivíduo por meio dos exercícios físicos».

E pela prática livre dos exercícios físicos, como afirma Henri Diftre, indo colher novo estímulo a essas fontes donde jorra incessantemente vida, que conservaremos a virtude essencial que é o carácter, sem o qual o homem perde toda a sua superioridade e não é mais do que um molusco de género diferente, destinado, como todos os moluscos, a ser comido pelos mais expeditos.

Em consequência do crescente eomodismo de existência civilizada das sociedades humanas, adormecem energias físicas e transformam-se os dotes morais que governam o espírito de luta e de reacção indispensáveis ao progresso e à salvaguarda dos direitos e bens adquiridos. Sucubem facilmente, ante as grandes ou pequenas dificuldades da vida, os seres cujas capacidades

CARTA DA INGLATERRA

A Europa dividida em dois grupos

O jogo Grã-Bretanha-Continente despertará curiosidade em Glasgow

LONDRES, Março de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

O jogo Grã-Bretanha-Continente é encarado com certa curiosidade pelos ingleses. Não se fizeram ainda treinos de preparação especial, mas já se apontam alguns nomes com possibilidades. Há, entretanto, quem não espere ver no conjunto britânico homens como Lawton, Carter, Matthews, Scot...

Isto, porém, é discutível. Os técnicos ingleses podem fazer as suas experiências, e muitas são capazes de tentar, mas por certo se pronunciarão pela «grande linha».

Ao contrário do que poderá supor-se, o facto de jogarem elementos da Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda, não tira unidade ao conjunto da Grã-Bretanha. E' o mesmo que formar em qualquer país uma selecção nacional, ou talvez mais fácil.

As equipas da Escócia, do País de Gales, da Irlanda conhecem-se tão bem como o público de Lisboa alguns clubes do Porto e da provincia, ou os da provincia os melhores grupos de Lisboa. Bons irlandeses, já se sabe, alinham em clubes puramente ingleses; e o número de jogadores vindos da Escócia e País de Gales para equipas londrinas, por exemplo, é valioso.

Logo, a equipa da Grã-Bretanha será a equipa da Inglaterra reforçada. E bem.

Não se faz aqui ideia do grupo que alinhará pelo continente. A Europa ficará dividida em dois blocos, neste interessante pleito futebolístico. Finalidade do jogo?

O futebol agrada aos ingleses, quer o vejam através de uma partida de campeonato, quer de um encontro entre países, regiões ou clubes em dia de festa. E sempre futebol, entretenimento n.º 1 do país.

de iniciativa ou de resistência adormecem pelos hábitos de sedentarismo.

A lentidão de retorno às condições mais normais de vida apresenta-se, cada vez mais nitidamente, como o mais eficaz meio educativo de combate contra este eventual e perigoso aniquilamento, provocado paradoxalmente pelos próprios benefícios trazidos à existência diária pelas maravilhosas invenções da inteligência humana.

Em face da natureza, por intermédio das actividades desportivas, ressurgem a cada instante muitas sensações esquecidas, depara-se passo a passo a necessidade de recurso a qualidades morais que a vida contemporânea dispensa ou incita a desprezar, quando são na realidade indispensáveis ao Homem que não queira equiparar-se ao molusco.

Ora, conhecer jogadores novos é para os britânicos um prazer de primeira ordem. Todos os jogadores das ilhas britânicas passaram já por Londres e outras cidades. O imprevisível agrada sempre, e os desportistas da Grã-Bretanha estão por isso interessados no jogo — menos que nos próprios nomes do mesmo jogo.

Entretanto, há nomes que a Inglaterra já conhece. Não diremos que o lisboeta Rogério seja popular aos britânicos, tão popular como em Portugal, mas alguma coisa já disseram dele os jornais de cá, como vários jogadores e árbitros que o viram actuar.

Mas jogará Rogério? Em Londres, não se sabe, embora se conheça uma notícia, vinda de Espanha, que tal o afirma. O caso é visto com muita simpatia por nós, visto demonstrar-nos que o futebol português progride e começa a ser considerado noutros sectores. Rogério, neste caso, seria «super-internacional» e a Grã-Bretanha admira bastante os jogadores de classe, de grande classe, deve dizer-se. Jogador consagrado, — é jogador com fortuna, embora isso aconteça excepcionalmente.

Vê-se, portanto, este jogo com alguma curiosidade. Curiosidade não quer dizer entusiasmo. Primeiro, os britânicos serão curiosos, amadores que gostam de futebol e de todos os jogos desportivos. O entusiasmo aparece quando a partida é na verdade excelente. Então, o desafio ou os jogadores ficam consagrados no espírito dos assistentes e da crítica. Mas isso não acontece logo nas primeiras impressões. E' preciso «convencer», e convencer de modo definitivo.

Esquecido Rogério, os britânicos conhecem o valor de Da Rui, Ben Barek, homens de Franca que não custam a encontrar no caminho dos excursionistas desportivos. A travessia da Mancha não é difícil. Anuncia-se também os os suíços Steffen e Ballabio, mas o primeiro, como se sabe, trata-se «por tu» com os ingleses. Joga no Chelsea, e daí uma popularidade justificada pelo seu valor e também pelo seu ar de praticante sadio, sempre pronto a lutar. Da Italia chegam notícias de outro defesa categorizado: Maroso: «Se for tão bom como Steffen» — dizem os britânicos, a coisa será difícil.

Realmente... Seja como for, em Glasgow poderá assistir-se a um encontro de alta categoria. Um jogo como os britânicos desejam, ansiosos por demonstrar a sua capacidade no futebol, uma outra vez abalada pelo «Dynamo» e pelo «Norrkopping», e até pela derrota do Arsenal de Londres em Paris, frente ao Red Star.

(Continua na pág. seguinte)

NOTA DA SEMANA

A circunstância de voltarmos a debater o mesmo tema — com teimosia insistência, dirá o leitor... — deve-se ao facto de se repetirem com igual teimosia os acontecimentos que lhe dão origem.

Cinquenta mil entusiastas ingleses estiveram à beira de produzir um incidente desastroso junto dos portões de entrada do Turf Moor, bem conhecido campo de futebol do Burnley, no dia 4 do corrente.

O sistema utilizado para franquear os torniquetes, demasiado moroso, originou que, à hora marcada para início do match com Middles, houvesse imenso público, comprimindo-se e disposto a romper tudo para penetrar nas bancadas e peões.

Mais de duas dúzias de pessoas desmaiaram em virtude da pressão sofrida, uma ficou com algumas costelas fracturadas e outra faleceu.

As proporções do acontecimento cresciam e aproximavam-se das do famoso desastre de há um ano, no campo do Bolton. Foi o árbitro do jogo, Artur Ellis, quem teve a visão clara da tragédia e soube impedi-la com grande sangue-frio e bom-senso.

Juntamente com o chefe de Polícia, William Green, saiu para o exterior e arengou à multidão pedindo-lhe calma e garantindo-lhe que o desafio não se efectuariá sem o público ter sido admitido até à capacidade máxima do terreno.

Pelos alto-falantes exortou os impacientes, espalhados em torno das vedações, e só se retirou, para dar início ao match, quando 49.244 pessoas tinham penetrado e só umas duzentas quedavam sem admissão.

Foi um belo exemplo de bom-senso, inteligência e fraternidade, aplaudido por toda a imprensa inglesa, mesmo com o prejuízo de a hora marcada ter sido transferida cerca de quarenta minutos.

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

O mau tempo, embora não haja cessado, permitiu efectuar a sexta volta da Taça da Associação — quartos de final — que é ainda a prova mais popular e dinâmica de todo o futebol inglês.

Os resultados foram bastante imprevisíveis, porque os clubes favoritos saíram derrotados em condições que deixam lugar a espanto.

Entraram na lista cinco grupos da 1.ª Divisão — Charlton, Preston North End, Liverpool, Middlesbrough e Sheffield United — e três da 2.ª — Burnley, Birmingham City e Newcastle United.

Charlton, o ante-antepenúltimo classificado no Campeonato da Liga, enfrentou Preston, que está entre os cinco primeiros. O desafio correu com vantagem para o último, apesar do emprego de passes curtos sobre um terreno traiçoeiro. Os londrinos foram melhores táticos, preferindo o passe comprido, e isso ficaram-no devendo ao veterano Geo Robinson, que insistiu no processo até convencer os companheiros.

Charlton marcou primeiro, aproveitando-se de um erro da defesa, mas Mac Intosh estabeleceu o empate pouco depois. No começo da segunda parte produziu-se uma confusão junto das redes e Hurst deu a vitória ao Charlton (2-1), apesar dos protestos de Preston, que afirma estar a bola fora do terreno quando a jogada se iniciou, mas o árbitro não viu esse pormenor.

Sheffield foi vencido no seu campo pelo Newcastle (2-0) e por

idêntico processo. O estado do terreno impunha um estilo de jogo, pelos extremos e com passes largos e rápidos — o que Newcastle praticou a preceito. Apesar disso, a capacidade chutadora dos avançados vitoriosos revelou-se fraca em demasia diante de um frio defensivo apenas regular.

No desafio de Birmingham com Liverpool brilhou a grande altura o rival de Lawton, o famoso Stubbins, que marcou três dos quatro goals do clube vencedor. O primeiro foi melhor, mas o último, pelo brusco aproveitamento de uma situação desperdiçada, produziu grande entusiasmo.

Os avançados de Birmingham foram anulados por completo pela linha média de Liverpool e daí o resultado de 4-1 a favor destes últimos.

O Middles acabou por perder com o Burnley, na terça-feira, depois de consentir em um empate no próprio terreno (1-1) no sábado anterior.

O jogo teve de ser suspenso e só se iniciou 40 minutos depois da hora, para evitar um grande desastre entre o público, que por força queria invadir o terreno.

A vitória de Burnley por 1-0 foi muito discutida, porque o guarda-redes fora agredido involuntariamente no momento da jogada.

Seja como for, a 28 de Março efectuam-se as meia-finais entre Burnley e Liverpool e entre Newcastle e Charlton. São três clubes de condado de Lancashire e um de Londres à compita, pelo que a final pode muitíssimo bem disputar-se entre Newcastle e Liverpool.

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

PELA AMÉRICA

Gus Lesnevich, apesar dos seus 32 anos de idade, conserva o título mundial de campeão da categoria semi-pesados, por ter derrotado antes do limite o forte socador negro Billy Fox. Foi este o mais importante match da semana e, também, o de desfecho mais imprevisto.

A juventude do pretendente, aliada ao impressionante número de vitórias conseguidas por via rápida — 43 em outros tantos combates — dava como seriamente comprometida a chance do campeão. Sucedeu, porém, o contrário e os espectadores do Madison Square Garden viram cair o negro, punido severamente às mãos do russo-americano, a ponto do árbitro intervir ao décimo assalto.

O mais sério rival de Lesnevich continua sendo outro homem de cor, Ezzard Charles, ou, talvez, Archie Moore, também de raça africana.

Joe Louis prossegue exibindo-se pelas Américas e tenciona passar à pátria dos seus avós. A Cidade do Cabo e Johnsburgo aguardam a vinda do Rei do Sóco, mas estão algo embaraçadas na escolha de quem possa medir-se com ele.

Cerdan, o modesto e popular pugilista francês, acaba de desembarcar em Nova York. O projectado combate com Tony Zale, para disputa do campeonato dos «médios», parece ainda distante e Rocky Graziano — agora suspenso — foi substituído por Harold Green, com quem boxará a 28 do corrente.

Este match considera-se «semi-final» do campeonato do Mundo e o vencedor lutará contra Zale.

Como se sabe, Cerdan é campeão europeu da categoria, por

aclamação, devendo jogar antes de 31 de Maio com Vince Hawkins, titular inglês, para confirmação da sua qualidade.

EM INGLATERRA

Por doença de Bruce Woodcock, detentor do título máximo europeu, não pôde realizar-se o combate projectado com Estevan Olek, campeão de França.

A data aprazada para o encontro foi transferida para 17 do corrente. Em virtude deste facto, também o desafio entre Woodcock e Joe Baksi teve de ser adiado para meados do mês de Abril.

NA AUSTRÁLIA

Mickey Hill, campeão australiano dos «mínimos», derrotou por knockout Val Newman, ao 12.º assalto, em Brisbane.

EM ESPANHA

Inácio Ara continua desafiando o Tempo ao ganhar por pontos, em San Sebastian, a Mendicute. Este acometeu sem descanso o adversário mas recebeu em troca uma boa lição de esgrima.

Na mesma sessão, Luís de Santiago pôs fora de combate Arbee I, ao 2.º round.

Em Barcelona, o italiano Bonetti, que já vimos actuar em Lisboa, empatou com Martí II, campeão da Catalunha e Baleares. Ambos pesaram dentro dos limites da categoria «semi-leves» e, no final dos oito assaltos, Bonetti era francamente o vencedor, mas o árbitro decidiu de outra maneira.

ATLETISMO

Um novo recorde da milha

Durante a corrida denominada Wanaker Mile Race, levada a efeito na pista coberta de Madison Square Garden, de Nova York, à qual concorreram os melhores especialistas americanos e o suco Rue Gustafsson, Gil Dodds cobriu a distância (1609 metros) em 4 minutos 9,2 segundos, o que constitui novo recorde mundial em recinto fechado.

CARTA DA INGLATERRA

(Continuação da pág. anterior)

Uma superioridade se aponta desde já e de forma indesmentível: a equipa da Grã Bretanha falará uma só língua. A do Continente há-de estar pelo menos embaraçada para se entender. Franceses, italianos, austríacos, húngaros e portugueses, se Rogério vier a Glasgow, têm de conversar apenas com a bola, a menos que os componentes da equipa se revelem políglotas...

Vamos a ver. A curiosidade britânica existe. Sendo assim, alguma coisa de interessante vai passar-se...

F. M.

GUILHERME Martins vence

GUILHERME MARTINS, o sucessor eventual de Beni Levi tanto no mérito como em popularidade, venceu o campeão de Espanha dos «leves», José Valdez, por pontos, num «match» de dez assaltos.

O resultado foi justo e a batalha teve momentos épicos, de beleza superior.

Martins levava importantes vantagens físicas e morais. Primeiro, em peso (66 quilos contra 63,300); depois, em extensão de braços, pernas e estatura; finalmente, o público lisboeta rodando-o e acarinando-o com febril entusiasmo.

Apesar de tudo isso devemos reconhecer que o herói do combate foi o pugilista visitante pela maneira corajosa e decidida com que fez face aos golpes vigorosos do adversário e pela qualidade intrínseca da sua esgrima de punhos.

Valdez principiou as hostilidades fingendo ao estomago e empregando o punho direito em ataques ao rosto. Depressa verificou que a linha alta do português estava mal defendida com uma guarda defeituosa.

Martins, girando em torno do espanhol frustrou-lhe muitas tentativas mas o seu trabalho de detenção era fraco e quase inexistente. No segundo assalto, porém, o barcelense aproveitou um desses ataques em vão e acertou com um golpe magnífico ao maxilar que pôs o espanhol sobre a lona.

O terceiro assalto principiou com marcada vantagem de Guilherme Martins. Valdez sofreu alguns socos no rosto, cedeu terreno, mas no minuto final contra-atacou com ligeira superioridade.

Do quarto ao oitavo «rounds» assistiu-se a uma constante batalha, despida de floreios, cuja iniciativa coube ao jogador visitante. O português replicou sempre com grande brio e as ocasiões de predomínio alternavam-se, embora com indiscutível inclinação para Valdez, principalmente no sétimo período, durante o qual Martins encaixou violentos socos no pómulo esquerdo e andou à deriva.

A fadiga do pugilista lusitano deu lugar a um assomo de energia durante o oitavo «round». Neste assalto Valdez esteve prestes a sobssobrar, caindo na lona por duas vezes, uma delas sem contagem e a outra por nove segundos.

O esforço dispendidos foram grandes, demasiado grandes, e por tal motivo nos dois últimos «rounds» foi Valdez o melhor.

Martins ganhou o 2.º, 3.º e 8.º assaltos e empatou o primeiro. Os restantes foram de Valdez por escassa margem de um a dois pontos. No total, Guilherme obteve 191 pontos e Valdez 189.

Por outras palavras: a marcada superioridade do lusitano durante o 2.º e 8.º «rounds» deu-lhe jus à decisão do árbitro.

A quebra de vitalidade de Martins, evidenciada muito antes do meio do combate, não se justifica com facilidade e foi isso que contribuiu para nivelar os valores. Apesar de tudo, temos de confessar que em temperamento, intuição e vigor, o nosso compatriota se exibiu por modo a merecer todo o aplauso.

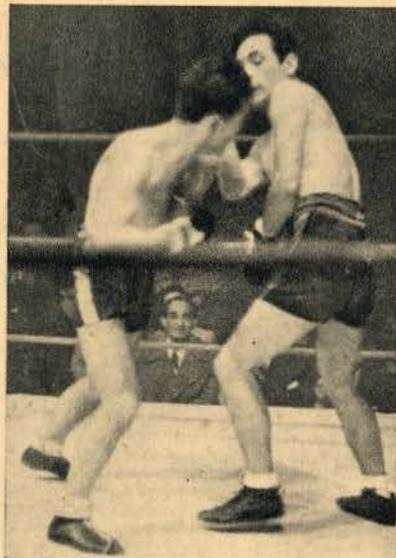
No capítulo de técnica faltam-lhe conhecimentos verdadeiramente elementares, simples como as coisas mais simples, que inexplicavelmente ignora.

Nos restantes desafios da velada assistimos a uma vitória de Licínio Passos sobre Joaquim Diaz (espanhol), de Jesus Martos sobre António Silva e de Manuel de Sousa sobre Luiz Gomez (espanhol).

Licínio, ainda detentor do campeonato nacional dos «semi-leves», ganhou por pontos um combate que lhe pertenceu quase sempre. Nos três últimos assaltos, porém, Diaz reagiu e equilibrou um tanto as suas acções.

A decisão admite-se mas o empate não seria de todo em todo injusto.

Gostamos sempre de ver o portuense em acção; só lamentamos a sua ausência demorada das lides.



Um dos muitos ataques frustrados de Diaz, esquivados a tempo pelo campeão nacional Licínio Passos, agora mais possante ainda que pouco jogado

À esquerda — Valdez carrega sobre Guilherme Martins a meia distância. O espanhol prepara um golpe com a direita e já o português eleva o ombro para bloquear o soco enquanto cobre a linha baixa com o ante-braço

Jesus Martos bateu amplamente um António Silva coriano mas lento e pouco expedito. A ligeireza de Martos a sua maneira versátil e elegante tornavam-no um jogador cheio de atrativos.

Apesar de conceder a Silva a enorme vantagem de quatro quilos (o que é muito sensível e desproporcionado...) Martos ganhou de longe, dominando no «in-fighting» e aguentando com estoicismo bastantes golpes de cabeça.

A abrir, Manuel de Sousa despachou ao 1.º «round» Luiz Gomez. Felizmente, porque a diferença de pesos — 4, 700 quilos — em pugilistas com peso inferior a sessenta quilogramas, tornava o combate desproporcionado e impróprio.

Arbitratam: Jordão França, Machado Junior Pierre Charles e José de Ataujo.

R. BARRADAS



O tenis de mesa no campo internacional

Seguiram para Londres, onde devem tomar parte num torneio de tenis de mesa, os jogadores portugueses Carlos Felo e Campas, do Sporting e do Benfica, à direita e à esquerda respectivamente.

Vamos conhecer agora as possibilidades do tenis de mesa nacional. Oxalá possamos dizer que não se joga nada mal...

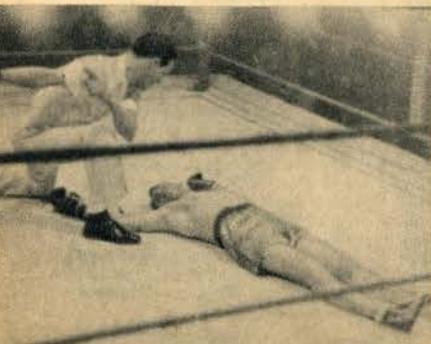


A equipa de juniores do Oriental, bom concorrente ao campeonato

Campeonato de JUNIORES



Uma fase animada do jogo de juniores Mirantense



Jordão França conta os segundos sobre o corpo inanimado do espanhol Gomez, aparatosamente vencido no primeiro assalto

A 2.ª DIVISÃO do Campeonato Nacional



Nem todos os clubes da 2.ª Divisão do Campeonato Nacional nos tem remetido, conforme solicitamos, as fotografias dos seus grupos de honra, concorrentes à prova.

Iremos publicando, à medida que nos forem remetidas. No entanto, mais uma vez lembramos aos clubes que nos prometeram o seu envio a favor de colaborarem com a homenagem que desejamos prestar-lhe.

As duas gravuras que publicamos: — à esquerda, a equipa do Ateneu Desportivo de Reguengos, no 1.º plano: — António José, Luís Pupa, Padilha, Palmeiro e Belete; 2.º plano — Ribeiro, Nunes, Pimenta, Eusébio, Santos, Cunha e Rogério Simões, orientador técnico. à direita — Allético Clube Marinhense, no 1.º plano — Antbal Augusto, J. Roldão, Sousa, Brito e Luís Abreu. 2.º plano — Tojeira, Vítorino, Rios, Vitalino Romão e José Tojeira.

A Província está sempre activa, sempre pronta a corresponder. Por isso a nossa Revista lhe dedica constante e particular atenção. Prossiguiremos na publicação de gravuras das suas equipas de futebol, porque bem o merece a sua acção laboriosa.

Nesta linha de gravuras: — à esquerda, a equipa do Grupo Desportivo «Os Galitos» de Trancoso. Da esquerda para a direita: — Santiago (maçagista), Lourenço (treinador), Agostinho, Janeiro, Paulo, Castela, Mário, Ricardo e Hernani; de joelhos — Guilherme, Fernandes (mascole), Chico, Magalhães 1.º, Magalhães 2.º e Caramelo.

À direita — Reservas do Vinhal F. C.: — Canadas, Ferreira, Valongo, Inez e Bicho; Rocha, Barraca, Afonso, Menza, Veríssimo e «Pingas».

No Porto também há grupos que praticam o futebol em torneios populares. E que se dedicam ainda a outros desportos. Eis um exemplo: — O Clube de Futebol «Os Ribeirenses», à esquerda.

A seguir à direita, a equipa escolar do Grupo Desportivo da Escola Comercial Madeira Pinto, de Agueda, constituída por Goeth, Gastão, Sucena, Balheira, Fernando e Luís Augusto; Rebelo (maçagista), Madeira, Benjamim, Correia Simões, Rato, Moita, Barbosa, Moedas, Paixão, Horácio e Santos, director.

Stadium na Província



Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — A corrida da légua (continuação)

A temporada de 1923 nada adiantou à precedente; Cecílio Costa, do Sporting, ganhou a prova dos Regionais no seu tempo de 17 m. 35 s., sem apoquentações porque os corredores do Vendedores de Jornais não compareceram, como protesto contra a hora malinal para que fora marcada a corrida.

No Nacional a vitória foi para António Pinto, em 16 m. 39,4 s., precedendo Domingos Jorge. E por aqui ficou o ano, em matéria de competições na distância.

A época de 1924 foi de domínio de José Maria Marques, campeão de Lisboa em 16 m. 46,4 s. e nacional no tempo recorde de 16 m. 20,6 s. (14 de Junho). No campeonato do Porto, pela primeira vez organizado, venceu José Eduardo Leite, em 17 m. 20 s.

Finalmente, António de Almeida, incorporado na equipa do Sporting, classificou-se primeiro na légua do Concurso do C. S. Nun'Alvares, sem necessidade de apressar,

como indica o seu tempo de 18 m.

A prova mais importante da época de 1925 foi a corrida internacional promovida em 12 de Julho, no estádio do Lumiar, pelo C. O. P., a qual merece até maior realce do que o próprio Portugal-Espanha, disputada em Madrid quando a temporada de há muito encerrara e sua actividade no país.

O campeão do Norte desse ano foi Cosme Neves, em 17 m. 34,2 s. e em Lisboa não se celebraram as provas regionais.

O Nacional, efectuado sob o patrocinio do «Comité» com a designação de Jogos de Preparação Olímpica, confirmou a superioridade

redores nortenhos, vencendo Mota e Castro em 16 m. 34,4 s. Note-se que este percurso da légua era muito curto, como se provou, no ano seguinte, com a participação dos lisboetas; António de Almeida veio a ganhar no tempo paradoxal de 14 m. 52,8 s., seguido por Domingos Jorge (15 m. 24 s.) e João Chaves (15 m. 27 s.).

Voltando à época de 1925, anotamos ainda que, dois meses depois do seu triunfo na légua da «Montanha», Mota e Castro confirmou a sua superioridade derrotando de novo o campeão portuense Neves, nos 5 600 m. da Volta a Coimbrões, em 18 m. 39,8 s.



A primeira vitória de Manuel Dias, na sua primeira prova, o Campeonato Nacional de 1926

que na recta final se viu batido por cerca de 20 metros; Marques terminou terceiro.

Tempos muito maus: 17 m. 48,8 s. para Reliegos e 17 m. 52,2 s. para Almeida.

Verificou-se, assim, um resultado curioso e que deve ter sido pouco do agrado dos seleccionadores espanhóis: os seus preferidos foram ambos derrotados pelos portugueses, que a seu turno eram batidos por um rapaz que lhes não merecera confiança. Devido a este imbróglio, António de Almeida ficou oficialmente considerado campeão ibérico.

Foi no ano seguinte que, pela primeira vez, apareceu na pista um garoto simpático e vivo, o qual, sob as cores tradicionais do Sporting Clube de Portugal, em cuja escola veio a receber toda a sua preparação, se impôs, a breve prazo, como o melhor especialista da distância em todos os tempos e um dos melhores valores nacionais em mérito absoluto: Manuel Dias.

A sua primeira prova em pista foi a primeira vitória e, de aí por diante, acumulou triunfos levando os tempos portugueses a limites que dignificaram o nosso atletismo.

Os campeões oficiais de 1926 foram: do Porto e do Norte, José Eduardo Leite, respectivamente em 17 m. 11,4 s. e 16 m. 57,4 s.; de Lisboa, Domingos Jorge, em 16 m. 53 s.; Nacional, Manuel Dias, em 16 m. 29,4 s.

Para o 2.º encontro com a Espanha, celebrado na pista do Lima, foram seleccionados Dias e Almeida, os melhores classificados nos Nacionais, enfrentando Oyarvide e Campos.

Almeida tomou a cabeça à partida, logrando considerável avanço, que atingiu cerca de 40 metros. O esforço fora, porém, mal medido e, à quarta volta (1.600 metros), foi alcançado e passado pelos dois espanhóis, o mesmo fazendo Dias antes dos três quilómetros. Nesse momento Almeida desiste da prova (cedendo o ponto que nos fez perder o encontro), lançando-se o companheiro corajosamente em perseguição dos adversários.

Aos 3.500 metros, Dias consegue ainda subir ao segundo lugar, mas por pouco tempo, verificando-se

Salazar Carreira

(Continua na página 19)



Quatro bons corredores de fundo numa prova em estrada: Almeida, João Miguel, Adelino Tavares e António Marques

dade de José Maria Marques, que venceu em 16 m. 25 s., precedendo quem quinze dias mais tarde havia de ser recordista português, João Marques Graça, e João Chaves, que, no final da temporada, devia bater o recorde dos 1500 metros.

Para as provas internacionais trouxera o «Comité» a Lisboa alguns atletas franceses e espanhóis de boa classe; disputaram os 5.000 metros, Dolquès, então campeão de França; o espanhol Palau, campeão da Catalunha, José Maria Marques e Marques Graça. Com geral surpresa o campeão nacional deu-se facilmente por batido, sendo Graça quem, corajosamente, se colou a Dolquès, seguindo-o como a sombra e apenas descolado na arrancada final entrando na meta com três metros de atraso e estabelecendo o recorde em 15 m. 37 s. Palau e os outros competidores portugueses ficaram longe para trás.

Em Abril organizara o jornal portuense «A Montanha» a sua primeira prova da légua em estrada, com a participação apenas de cor-

Ainda no Porto, participaram os melhores especialistas do sul na prova do Concurso do Nun'Alvares, sendo Domingos Jorge e António de Almeida batidos por Marques Graça, em 16 minutos.

Por fim, em Madrid, quando Outubro ia quase corrido, José Maria Marques e Almeida representaram Portugal no primeiro encontro ibérico. Os seleccionados espanhóis eram Arbuli e Andrés, correndo mais oito homens por fora da classificação.

Sai à cabeça Arbuli, seguido pelos dois portugueses e Velasco, que desiste ao fim da primeira volta à pista do Estádio Metropolitano. A meia prova Arbuli dá mostras de fadiga, alrexe-se, acabando por cair extenuado e sendo necessário tirá-lo da pista. Almeida toma então decididamente o comando da corrida e parece seguro da vitória, quando se destaca do pelotão um pequeno e ignorado corredor, José Reliegos, que se lhe vem colar, mantendo-se assim apesar de todos os esforços do nosso representante,



Albano Martins, no ano em que conseguiu os seus melhores resultados

1.ª da Época e última do novilheiro que passa a "espada"

OITO touros gordos mandou o sr. Claudio Moura para a 1.ª da época no Campo Pequeno e última do novilheiro português Diamantino Vizeu que no próximo dia 23, em Barcelona, passa a ser matador de touros. Foi, talvez, para que Diamantino se habituasse aos touros, mas a verdade é que maiores não se matam agora. E ainda talvez para que Diamantino se habitue às dificuldades, foram os seus, além de gordos, os mais difíceis, porque ao mexicano coube um fácil, o seu 2.º. E bravo foi também o 2.º do cavaleiro Alberto Luiz Lopes, que se salvou no seu 1.º mas neste esteve precipitado, sobretudo num curto em que o cavalo foi colhido e o cavaleiro ouviu sua «miajita de bronca». Seu pai, o veterano António Luiz, ainda marcou a sua classe em duas farpas e um curto, pelo que deu a volta a arena. E registre-se desde já, para entrarmos no capítulo dos «espadas», que os forçados de Matias se aguentaram bem no balanço, e que mestre Manuel dos Santos nem pareceu estar preocupado por motivos íntimos e bem respeitáveis. Antes de abandonarmos estes preliminares da despedida de Diamantino devemos registar que os dois cavaleiros, António e Alberto Luiz Lopes, tourearão com «handicap» porque a verdade é que foram os únicos que se não recusaram a fazê-lo com o pretexto das inundações e seus efeitos nos cavalos, aliás pouco explicáveis. Não queremos insistir no caso, semelhante ao dos creadores que nunca têm touros para as primeiras corridas e os guardam para época mais propícia ao êxito. Por isso têm também «handicap» aqueles que como o sr. Norberto Pedroso, quasi todos os anos e o sr. Claudio Moura, este ano, têm touros para as primeiras do Campo Pequeno.

Para acompanhar Diamantino na sua última corrida de novilheiros deu-nos a empresa um mexicano que tem ou usa o mesmo nome que o grande toureiro sevillhano Pepe Luiz

Vazquez, talvez porque seja seu admirador. Logo no 1.º touro reconhecemos no mexicano um bandarilheiro fácil e fino, e mais no 2.º que foi bravo e em que agradou francamente. Quem assim bandarilha pode ficar em Lisboa até que o conflito tauromaquico hispano-mexicano seja resolvido, e mais quando até com a capa e a «muleta» impressiona pela valentia, temerária, por vezes, como naquela série de passes de joelhos que terminaram com uma colhida em que Procópio fez oportuno «quite». Pois foi na tarde da revelação deste mexicano que o nosso Diamantino teve de se despedir do público português, impressionável e sempre disposto a deixar-se conquistar pelo último que chega. Quem não se impressionou foi Diamantino, nem mesmo com os touros gordos e difíceis. Usou da capa como sabe, que não é este ainda o seu forte, ainda que nisto, como em tudo, seja o mesmo toureiro valente e consciente. Com os bandarilhas, também naquele seu estilo tão pessoal e perigoso, teve grandes pares de bandarilhas, até um que faliu porque o touro ajoelhou, e outro arrancando de largo a largo e que seria «de poder a poder» se o touro se tivesse arrancado também.

E entre par e par, depois de «jugar» com o touro, sempre Diamantino manteve aquela serenidade rara que o caracteriza. Com a «muleta», sobretudo no 2.º touro, vimos como Diamantino sabe já sujeitar os touros «soltos», obrigando-os, por baixo e com aqueles chamados «derechazos» que são dos seus melhores, pela eficácia, aguentando e recolhendo. Profiou no passe natural que ao princípio parecia impossível e que acabou por tornar possível, e fez muitas outras coisas de bom toureiro, por vezes alheado do público, como se ensaiasse, apenas para ele próprio, o que há-de fazer em Espanha. E nós, esquecidos também dos que nos rodeavam, como se estivessemos num «tentadero», convencemo-nos

uma vez mais de que Diamantino nos não vai deixar mal, que vai ficar muito bem entre os matadores de touros dos nossos dias, e por muito tempo.

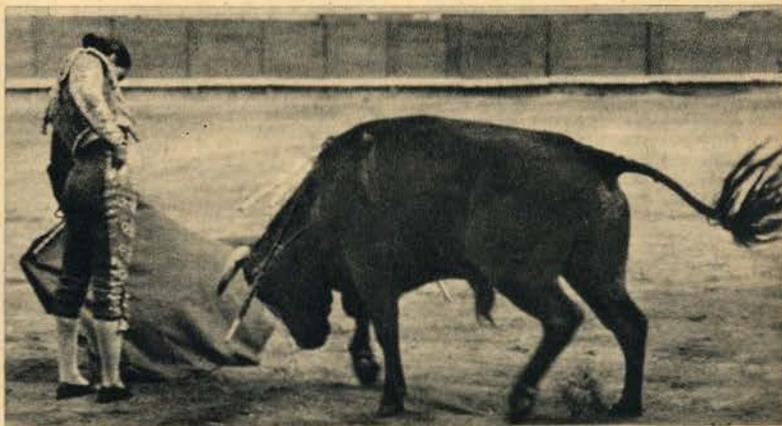
Difícil é fazer previsões acerca da temporada dum matador de touros que pode sofrer alterações de ânimo ou de administração. O factor sorte é também importante, além dos imponderáveis profissionais e pessoais. O caso Diamantino Vizeu, que aos portugueses deve interessar o bastante para o focarmos sob todos os aspectos, apresenta-se com bom augúrio. Desde que o conhecemos, quando muitos começaram logo cantando e nós aconselhámos e obtivemos a sua ida a vários «tentaderos», que o caso Diamantino nos interessa! A sua seriedade, a fé interior que o domina, o carácter sério do homem que não sabe rir, tudo nele interessa.

Inteligente, compreendendo o que há de falso em certas admirações e entusiasmos, Diamantino poderá ser acusado de frio, mas é errada a pose que lhe atribuem e que reflecte apenas um carácter, uma maneira de ser. Ao princípio pode o público achar forçado aquele passe lento com que entra na arena, e algumas das suas atitudes na praça; mas, com o tempo, e com os êxitos, acabará por achar tudo natural, por aceitar a personalidade de Diamantino, como aceitou a de Manolete.

Enfim, matador «habemus», e nunca alguém julgou possível que de Portugal saísse um matador de touros. Aos portugueses compete agora não arrefecer no entusiasmo, não abandonar no caminho a quem animou nos primeiros passos.

Que a despedida que a Diamantino foi feita no Campo Pequeno seja convertida em apoteose quando ele reapareça, já consagrado matador de touros, em Espanha.

ROGÉRIO PEREZ



Deram em chamar «derechazos» a estes passes que sempre se classificaram como ajudados por baixo. Diamantino Vizeu como «Manolete», prodigaliza estes passes que se justificam quando o touro deles carece ou não toma o passe natural, o melhor, o da verdade, aquele que se dá na posição natural, com a «muleta» na mão esquerda para que a direita possa empunhar o estoque. Há escritores que defendem a classificação de natural também para o passe dado com a mão direita. Pelas razões acima à vista está que natural é só aquele que se dá com a mão esquerda

O TREINADOR...

Ter um treinador não é ter um team. O treinador pode ser bom, muitíssimo bom, mesmo, mas se o team não quiser corresponder, ver-se-á embaraçado, constantemente perdido no meio dos resultados e suas consequências.

Os exemplos são constantes, às mãos cheias. De Lisboa para o Porto, e do Porto para Lisboa. Vamos por partes: Lippo não era bom no F. C. do Porto — e está a ser admirável no Estoril; Augusto Silva principiou a ser excelente no Estoril, para terminar em crise; para no Belenenses começar bem, tão bem que veio a ganhar títulos, e após certo mal estar a vencer de novo. O que não evita a notícia da sua retirada... Szabo teve fases favoráveis e desfavoráveis no Sporting, como no F. C. do Porto. No clube lisboeta, deixou saudades... E a dança de treinadores, nacionais ou estrangeiros, revela-nos isto mesmo: — as épocas nem sempre são felizes. Sobre-se, mas também se desce.

No entanto, é ingênuo: lemos em Portugal bons treinadores. O que os treinadores não têm recebido, infelizmente, é amparo de quem de direito. Os dirigentes, muitos deles, evidentemente, julgam que o facto de ter um treinador, chega para garantir todas as vitórias; o público afeiçoado, se o team perde — há-de cair com o seu despeito sobre alguém. O treinador é a primeira vítima. E a imprensa — aí meu Deus! — se não gosta do homem, lembra-se que é avanço do Progresso e atira com o pobre ao mar. Não tem palavras de amparo, não se serve da sua capacidade no campo da técnica e das letras para moralizar uns e outros, para servir o futebol e seus funcionários mais devotados — profissionais ou simples amadores.

A missão do treinador, tal como a compreendemos, é difícilíssima. E quando o treinador luta com maus jogadores, péssimos serventes de uma obra, elementos que recebem como profissionais e actuam como gente que faz futebol em toda brincaçona?

Tudo crítica o pobre do treinador — que não tem um team! Se pensa em utilizar gente vinda de baixo, das categorias de juniores, não o pode fazer sem dar tempo ao tempo. Está-lhe vedado esse direito. Para substituir os faltosos, quando eles são muitos e de rebelde qualidade, — sujeita-se primeiro a resultados catastróficos, os tais resultados que conduzem ao mal estar, à crítica

solta e áspera, ao comentário metedico e discutível.

O treinador precisa de gente que queira. O treinador não é um mecânico que se senta na oficina para construir um boneco, dando-lhe forma definitiva e perfeita, se para isso lhe colocam ao alcance matéria prima. No futebol — o treinador aperfeiçoa, lapida. Não faz. E se quem ele pretende aperfeiçoar se nega ao treino, se não quer, por maldade, estupidez ou propósitos misteriosos, — ninguém conseguirá ver provelo no seu trabalho.

Em muitos casos, a dificuldade está na base da organização. Há jogadores que fazem o que lhes apetece, que inventam distenções ou mazelas que não sentem, animados pelo desejo de complicar, burlando os técnicos e os dirigentes, servindo mal o público e a si próprios.

A incultura de alguns jogadores, dos meninos bonitos demasiadamente louvados pela crítica, pelo público e pelo dirigente — esmaga o treinador. Não se lembra, sequer, que a falta de treinos provoca a lesão, contende os músculos, atinge os órgãos vitais do homem. E quando lho fazem ver, julga-se vítima, contagiando até as pessoas mais responsáveis, que não se interessam pela questão em profundidade, antes cavam mais funda separação entre dirigentes e dirigidos.

Pobre do treinador — que não tiver um team. Pobre do homem que vai ao campo para treinar 22 e lhe aparecem 51! O seu espírito ficará povoado de imagens dolorosas, a sua carreira encontrará centenas de cascas de laranja.

A obra deixa de ser construtiva. Há muito que fazer — e não se faz. Desconfiam uns dos outros, lamentavelmente, esquecendo a história dos vimes que o velho fez partir um a um, quando em conjunto não foi possível torcer o molho.

Os treinadores, portugueses ou estrangeiros, apavoram-se quando mudam do ambiente, quando têm de tomar conta de um team. Criam inimigos, verdadeiros inimigos, se o grupo não ganha. Ganhar é a lei que se lhe põe na frente, em letras gordas. Se não o consegue, logo se lhe bate, ruidosamente, anulando-lhe o espírito de trabalho e as faculdades técnicas que possuía.

Meu Deus, como tudo gira tão desproporcionadamente. Se um dia nos oferecessem um lugar de treinador em clube destinado a «ganhar sempre» — fugiríamos em passada larga. Libra! Que terrível profissão...

MOSAICOS nortenhos...

HÁ muita esperança no jogador Diógenes Boavista, vindo recentemente de Luanda. Os seus treinos, após um período de adaptação e doença provocada pela mudança de clima, já começaram. Oxalá o simpático africano possa corresponder aos anseios da gente do F. C. do Porto.

✦ PORQUE o F. C. do Porto não tem conseguido bons resultados, no campeonato nacional, esquece-se a excelente acção do Boavista. No Porto há uma segunda equipa, pode afirmar-se. Vai marcando lentamente a sua posição, à custa de esforçado trabalho. Trabalho, pelo menos, em sossego, e crítica não se importa com ele — e isso só lhe faz bem.

O Boavista, afinal, tem a sua volta boa imprensa. Ninguém o encomoda...

✦ PENSA-SE que o encontro de atletismo Portugal-Espanha será marcado para o Porto. O público nortenho, escusado será dizer, responderia admiravelmente. E o Estádio do Lima, onde já se efectuaram provas de grande vulto, tem capacidade para campeonato de tamanha categoria.

Resta ver se as entidades oficiais estão pelos ajustes. Mas como a pista do lumiar está, por agora, inutilizada, pode ser que tudo aconteça — a bem do atletismo na região...

✦ FLORIANO MOREIRA, o pequeno «Trindade do Norte», felecu vítima de um estúpido desastre. Foi-lhe prestada homenagem póstuma, na sua terra natal, organizada pelo seu último clube — o Desportivo das Aves. Mas faltou muita gente. E muitos clubes. Depressa se esquecem os homens!

✦ PEDEM-NOS para falar no Estádio (2) do F. C. do Porto. Tínhamos muita vontade disso, prezado leitor. Mas ache que vale a pena?

✦ TAMBÉM nos solicitam a defesa de Alfredo. Diz-nos o «amigo fixe» que este jogador, ainda jovem e rijo, seria capaz de marcar muito bem o avançado-centro.

Deus nos livre de semelhante coisa. Isso é lá com o treinador, e olhe que ele já tem muito quem o perturbe. Das derrotas do team ao resto...

✦ VERDADE, verdade, uma coisa deve dizer-se: — alguns jogadores estão mal colocados. E' uma ques-

Faleceu António Augusto de Figueiredo e Melo. Foi presidente do Futebol Clube do Porto, vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol e presidente honorário da Associação de Futebol do Porto. E, durante toda a sua vida, um desportista do melhor quilete, dos que deixam fundas saudades em quantos o conheceram.

Figueiredo e Melo principiou no F. C. do Porto como atleta, mas pouco tempo depois passou a exercer cargos de dirigente. Sócio dos primeiros tempos da colectividade, Figueiredo e Melo tornou-se popularíssimo entre a massa associativa do primeiro clube do Norte. Quando as situações eram difíceis para o F. C. do Porto, e muitas foram, recorria-se a Figueiredo e Melo para dirigir, para dominar os casos mais complicados.

As assembleias gerais do F. C. do Porto acreditavam sempre na sua palavra, fluente e enérgica, verdadeira e inflexível. Figueiredo e Melo, desportista conhecedor e homem de carácter, nunca deixou, durante a sua vida, infelizmente curta — visto que felecu muito novo, de contribuir para o engrandecimento da sua colectividade. Mesmo até há pouco tempo, ainda o desaparecido dirigente seguia os trabalhos do clube com muito carinho.

Mas a doença atacou-o duramente. A vida nem sempre é cor de rosa e Figueiredo e Melo sentiu-o bem amargamente.

Nome conhecido e respeitado, lamentaram a sua morte quantos o conheciam. Figueiredo e Melo não tinha adversários. Por isso o seu funeral constituiu sentida manifestação de pesar, nele se incorporando muitas colectividades e dirigentes.

A nossa Revista, que o considerava bastante, que lhe conhecia as virtudes desportivas e apreciava o seu admirável temperamento de lutador, também esteve representada. Que descanse em paz o inditoso amigo.

lão de experimentar, portanto, baralhando um pouco. Sabemos lá se Lourenço, por exemplo, pode ser um bom médio-centro?

Assim nos diz «amigo fixe»: — «o Porto tem alguns jogadores bons. Mas se a joga de principio na posição B, há-de morrer ali. A velhice vai chegando, e o jogador nunca encontrará o seu verdadeiro lugar».

Mas a sua linha é errada. Demo-lhe, para lhe fazer a vontade:

Barrigana ou Valongo; Guilhar (direito) e Alfredo; Joaquim, Lourenço e Carvelho; Sanfins, Araújo, Correia Dias ou Boavista, Gomes da Costa ou Adão (2) e Catolino. Ainda, na defesa: Romão (2) e Alfredo. O médio de Lamas jogaria ao extremo esquerdo; Alfredo ao avançado-centro; Joaquim e Lourenço, ao ataque, valendo-se da sua experiência de avançados; Carvelho ao outro extremo. Verdadeiramente — um defesa: — Alfredo. Romão, Joaquim, Lourenço e Carvelho — no papel de médios.

E' uma ideia. Se calhar...

ATLETISMO

(Continuação da página 16)

no final a vitória de Oyarbide em 15 m. 52,2 s., seguido por Campos em 15 m. 54,2 s. e Dias em 15 m. 57,6 s.

No declinar da época, os 5.000 m. do torneio conjunto Académico-Nun'Alvares, foram ganhos por José Ferreira, do Boavista, no tempo edificante de 20 m. 43 s.

A temporada de 1927 teve particulares interesse e actividade com a organização pelo jornal «O Sport de Lisboa» do 1.º Campeonato Pedestre da Léguas, com características populares.

Anotemos primeiro os vencedores das provas oficiais: do Norte, Silva e Sousa, em juniores, em 17 m. 41,4 s. e J. E. Leite, em seniores, em 17 m. 5 s.; de Lisboa, Manuel Dias em 15 m. 46,6 s.; de Portugal, António de Almeida, em 16 m. 50 s., batendo Dias por quarente metros; no Porto-Lisboa, de novo Almeida em 15 m. 40 s., Dias em 17 m. 1 s. e Leite em 17 m. 14,4 s.

Esta última prova foi emocionante pela coragem demonstrada por Dias e que arrebatou a assistência portuense. Por volta dos três quilómetros, quando em segunda posição perseguia Almeida e dele se aproximava visivelmente, Dias foi acometido por pontada no flanco esquerdo, impedindo-lhe a respiração; é forçado pela dor a parar, mas, exortado a que continue para garantir pelo menos a terceira

classificação à equipa lisboeta, lá continua o seu calvário, os olhos rasos de água, o flanco comprimido pelas mãos, trocando em passo curlo, a face contraída num rico de sofrimento.

Completo assim uma volta e é passado por Leite, que lhe chega a ganhar vinte metros. A reacção impossível produz-se então: Dias melhora a cadência e todos sentem que a vontade lhe pôs cobro à crise. A volta e meia do fim erranca a bóina da cabeça num gesto sacudido e raivoso, lança-se desesperadamente em perseguição do portuense, alcança-o e passa-o em menos de duzentos metros, afastando-se cada vez mais para chegar à meta com cerca de cem metros de avanço, entre estrondosas ovações, e caiu exausto logo a seguir à linha branca.

Voltando mais tarde ao Porto, para tomar parte no concurso do Académico, Manuel Dias aproveitou a ocasião e a pista para tentar bater o recorde dos 3.000 metros, o que conseguiu em 9 m. 16,8 s.; o primeiro quilómetro foi percorrido em 2 m. 55 s., o segundo em 3 m. 24 s., o terceiro em 2 m. 57,8 s. e a léguas, ao final, em 15 m. 39,8 s.

Recordo que a prova foi disputada sob chuva impertinente e prejudicial ao esforço do corredor.

(Continua)

s. c.

Espanha perdeu em Dublin um desafio

mas encontrou uma equipa

(Continuação da página 5)

quase sinais de vida; e o conjunto, ainda um pouco em embrião dado o pouco tempo da metódica preparação. Como se pode apreciar, são mais as vantagens do que os prejuízos. Um encontro perdido, no fim e ao cabo, não é nada transcendental nem definitivo. A recuperação de todo um sistema de organização e a esperança de que o prestígio de um futebol nacional possa recuperar-se desde que na tarefa se ponha empenho decidido, é muito mais importante. E nós, espanhóis, nos sentimos satisfeitos pelo achado. Pois, além de tudo, tivemos a sorte de presenciar o encontro de Dublin, e de apreciar o o esforço de todos os jogadores nacionais, sem excepção, para conquistarem um triunfo que, aliás, mereciam...

Porque a equipa irlandesa não é qualquer coisa. Não é, sequer, uma vulgar, ou uma boa equipa. É um formidável conjunto, que domina a bola com perfeição, de homens destros e práticos em truques e conhecimentos do jogo, com o sentido exacto da colocação, do passe e do remate. E isto dá ao trabalho dos espanhóis uma superior importância, já que foi efectuado num ambiente estranho e estando o campo em desastrosas condições. (Que diferença entre aquela gelada superfície, cheia de palha, quase sem erva, e o esplêndido rectângulo de verdura do Estádio Nacional português!). Os portugueses, que brevemente actuarão em Irlanda no mesmo terreno, terão de preparar-se bem se querem alcançar bom resultado. Tavares da Silva, que presenciou o encontro Irlanda-Espanha, pôde adquirir conhecimentos valiosíssimos que lhe devem servir de muito nessa próxima partida, ante a qual todos os espanhóis, sem excepção, desejam um novo triunfo que venha confirmar a classe do futebol ibérico, tão dignamente representada pelos portugueses na presente época. — R. M.

Stadium

Desde o n.º 1, "2.ª Série", cada exemplar custa 2\$50

FRANCE

Ministère des Travaux Publics et des Transports

Commissariat Général au Tourisme

Direction Portugal

68, Rua de S. Domingos à Lapa — LISBOA

SS

ENCONTRO DE FUTEBOL

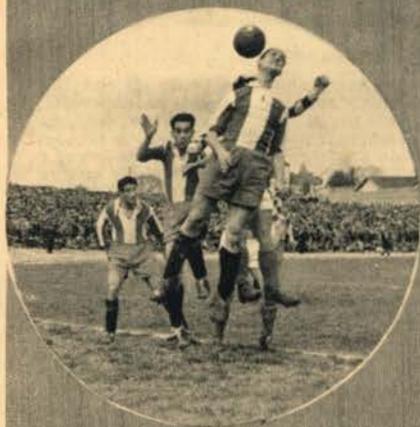
PORTUGAL-FRANÇA

a 23 de Março de 1947

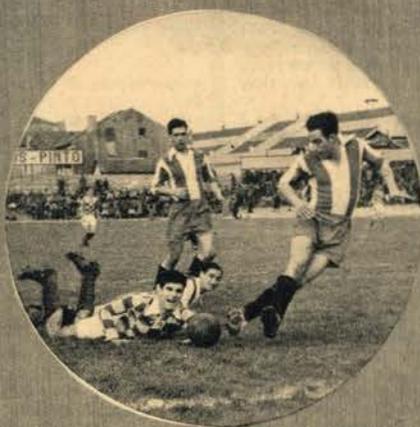
em PARIS



OS TRÊS JOGOS DO NORTE



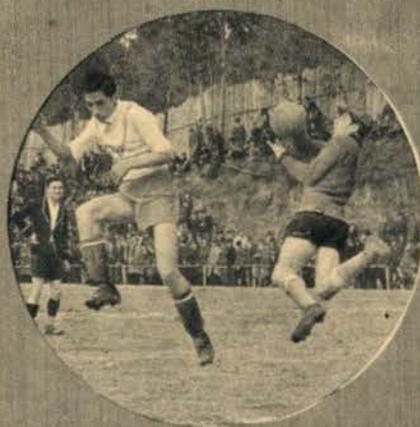
Guilherme, tendo Alfredo ao lado desvia uma bola alta



Caetano perdeu uma oportunidade. Alfredo vigia-o...



Mota tem a bola bem segura. Zeca estava perto...



Saneão demonstra-nos que é bom guarda-rede...

NESTES três jogos — no Porto, em Guimarães e em Famalicão — duas vitórias e um empate corresponderam ao valor demonstrado pelas equipas contendoras.

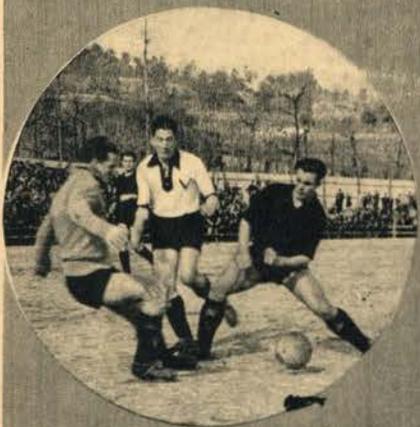
Se no Porto o campeão pôde confirmar a melhor bagagem, derrotando o «segundo» expressivamente, talvez para nos convencer de que, não sendo actualmente famoso, é pelo menos melhor que o seu companheiro de cidade — já em Guimarães e em Famalicão não conseguiram os minhotos vencer equipas adversárias e visitantes.

Isto, para o futebol, não deixa de ser excelente, favorecendo o atractivo.

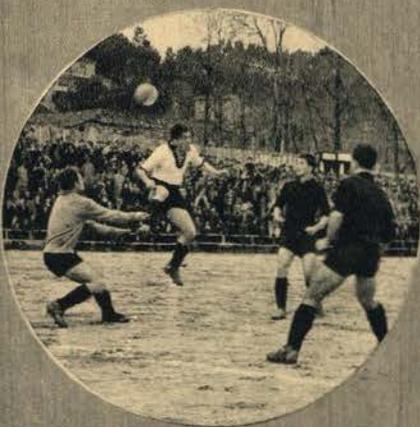
O público local nem sempre gosta do insucesso e critica-o. Mas o jogo dá-nos com certeza uma amostra da sua capacidade. Não contar sempre com vitória serve a sua expansão



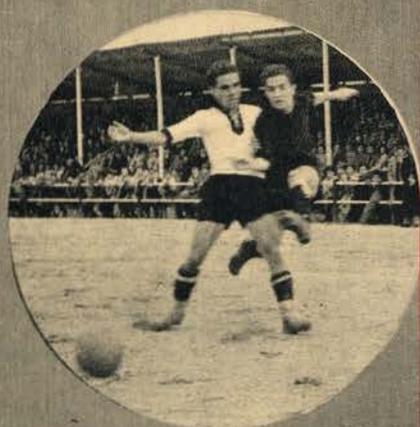
Capela, ágil, pára um remate sanjoanense



Szabo, ajudado por Braz, prepara-se para a defesa



Outra defesa de Szabo. Teixeira foi o rematador



João, fogaoso defesa vimaranense, «trava» um académico